



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

THAYNARA MARTINS FREITAS

**Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba (AJIT): uma etnografia sobre a
participação juvenil na luta indígena Tapeba.**

**FORTALEZA
2012**

THAYNARA MARTINS FREITAS

**ARTICULAÇÃO DOS JOVENS INDÍGENAS TAPEBA (AJIT): UMA ETNOGRAFIA
SOBRE A PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA LUTA INDÍGENA TAPEBA.**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais

Orientadora: Prof.^a Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva.

**FORTALEZA
2012**

Thaynara Martins Freitas

**ARTICULAÇÃO DOS JOVENS INDÍGENAS TAPEBA (AJIT): UMA ETNOGRAFIA
SOBRE A PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA LUTA INDÍGENA TAPEBA.**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais

Aprovada em: /06/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva
(Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Ms. José Estevão Machado Arcanjo
(Membro examinador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Carlos Kleber Saraiva de Sousa
(Membro examinador)
Universidade Federal do Ceará

Resumo

A Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba – AJIT foi criada devido à necessidade de mobilização e organização da juventude indígena Tapeba na luta pela valorização da identidade, da cultura e continuidade dessa etnia. Apoiada numa pesquisa de campo realizada na comunidade Tapeba, localizada no município de Caucaia, Região Metropolitana de Fortaleza, esta pesquisa tem por objetivo analisar a juventude Tapeba, a sua participação e atuação dentro do movimento indígena junto à comunidade, na luta pela reafirmação étnica e por seus direitos diferenciados garantidos por lei. Para alcançar esse objetivo tomarei como elemento de estudo a AJIT, buscando compreender a importância e o trabalho desenvolvido pela organização junto aos jovens. Realizando entrevistas com os membros da diretoria geral, consultando o Estatuto da organização, participando de reuniões, vivenciando o cotidiano da juventude, busco analisar a participação desta junto ao movimento indígena Tapeba.

Palavras-chave: Juventude, Índios, Movimento indígena.

Aos meus pais, com amor.

AGRADECIMENTOS

Para mim é muito difícil expressar gratidão por meio de palavras, acredito que consigo demonstrar melhor meus sentimentos através de ações, mas palavras são tão importantes quanto gestos, então espero conseguir mostrar todo meu carinho e agradecimento por meio destas poucas palavras.

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, que é a minha base e fortaleza. Aos meus pais pelos esforços e sacrifícios que sempre fizeram para que eu pudesse ter bons estudos. Ao meu pai, Odion, pelo apoio incondicional e por sempre acreditar na minha capacidade. À minha mãe, Lúcia, por seu amor e paciência nos momentos mais difíceis e sei que foram vários. Ao meu irmão Mirgom pelo interesse em meus estudos e pelas boas discussões. Aos meus avós Luiza e João pelos sábios conselhos. Não tenho mais palavras para expressar o meu amor e gratidão a vocês que são as pessoas mais importantes e quem mais amo na vida.

Daniel, a quem dedico um carinho todo especial, obrigada pelo seu companheirismo, amor, paciência e dedicação neste período tão atribulado da minha vida.

O curso de Ciências Sociais me proporcionou a oportunidade única de conhecer pessoas maravilhosas que se tornaram amigos especiais e espero que eternos.

Meu carinho a minha turma, 2005.1, principalmente a Cintia, Égina, Mara, Rebeca, Nathália e a Clarice, minha irmandade. Ao André, Alex, Aldenizia e Renato meu carinho e admiração.

A Bruna Karoline, Vanessa pelos ótimos momentos, amor, paciência, conselhos e ótimas risadas. A Ana Raquel pelo amor, atenção, paciência e trocas acadêmicas. Mais que amigas são minhas irmãs do coração, que conquistei nessa caminhada. Ao Breno pelas ótimas conversas, pelo carinho e mensagens carinhosas e inusitadas na madrugada. Ao Raoni que com seu jeito único e amoroso conquistou meu carinho e um espaço especial em meu coração. A Thaíla e Tamara pelas risadas e ótimas companhias.

Aos meus colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas Étnicas – GEPE, Gabriel, Rafael, Luciana Nóbrega, Cristina, meus agradecimentos. A Gina pelos conselhos e informações que muito me ajudaram no início dessa jornada.

Gostaria de direcionar meus agradecimentos aos meus amigos Caio Sismas e Gleidson de Oliveira, Universidade Federal do Recôncavo Bahia – UFRB que tive o prazer de conhecer nos encontros de estudantes.

Aos Tapeba que conheci e que sempre se mostraram solícitos e pacientes em me ajudar. Principalmente a Marciane, Aline e Naara pela atenção e assistência prestada durante a realização da minha pesquisa. Muito obrigada e espero que essa parceria não se encerre aqui!

Gostaria de agradecer aos professores do departamento de ciências Sociais pelos ensinamentos, principalmente a minha orientadora Isabelle Braz, que tanto me incentivou, guiou, aconselhou, cobrou durante esse processo e pela preocupação que sempre demonstrou com o meu bem-estar. Obrigada pela paciência e oportunidades de trabalhar, momentos que me incentivaram e despertaram mais meu interesse pela questão indígena e me estimularam a prosseguir por esse caminho.

Agradeço aos professores Estevão Arcanjo e Kléber Saraiva por aceitarem o convite de fazerem parte da banca de avaliação.

Meu agradecimento final a Universidade Federal do Ceará – UFC.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
Percursos metodológicos	10
2 A ORGANIZAÇÃO ÉTNICA DO POVO TAPEBA	12
2.1 Os Tapeba e a Arquidiocese de Fortaleza	12
2.2 Organizações Políticas Tapeba	16
2.2.1 Associação das Comunidades Indígenas Tapeba (ACITA)	16
2.2.2 Centro de Saúde dos Índios Tapeba (CESIT)	19
2.2.3 Associação dos Professores Indígenas Tapeba (APROINT)	19
2.2.4 Associação Indígena Tapeba de Cultura e Esporte (AINTACE)	22
3 CONCEITUANDO O TERMO JUVENTUDE	23
3.1 Culturas Juvenis	32
3.2 Juventude como Problema Social	33
3.3 Rebeldia Juvenil	35
04 CONHECENDO A AJIT, SEUS CONFLITOS E A PARTICIPAÇÃO DE SEUS MEMBROS NA DEFESA DOS DIREITOS DO POVO TAPEBA	37
5 ANÁLISE DA AJIT E DA JUVENTUDE TAPEBA	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	57
Anexo A – Estatuto da Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba	57
Anexo B – Mapa da população indígena no Ceará	63
Anexo C – Mapa distrital de Caucaia	64
Anexo D – Repente	65

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como temática central a Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba – AJIT, órgão idealizado e criado a partir da necessidade percebida pelos jovens do referido grupo de ter uma entidade que os representasse no movimento indígena¹.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender de que forma os jovens atuam junto a sua comunidade na luta em defesa de seus direitos, esses previstos em lei, como direito a terra, saúde, educação diferenciada, dentre outros; bem como trabalham para manter a juventude Tapeba unida, envolvida e interessada por essa causa. Para isso, será tomada como elemento de estudo a AJIT, organização idealizada e formada pelos jovens dessa etnia, que deve reunir todas as atividades e movimentos desta categoria.

A AJIT foi criada no ano de 2009 e, apesar de possuir um estatuto que regula suas atividades, a associação ainda não é registrada. É com base no estatuto e nas atividades que envolvem a juventude Tapeba é que o presente trabalho procurou ser desenvolvido.

Como afirmado anteriormente, a pesquisa foi realizada com a juventude da etnia Tapeba, localizada no município de Caucaia – região metropolitana de Fortaleza². Esses movimentos juvenis não se restringem a uma determinada comunidade, é um movimento que passa a ganhar notoriedade e espaço nas aldeias. Contudo, o recorte para esta pesquisa dirigiu-se aos membros da diretoria executiva da AJIT, que moram em diferentes comunidades Tapeba.

O interesse pelo assunto surgiu devido a minha participação em vários eventos indígenas, não somente Tapeba, nos quais observei a intensa presença da juventude no movimento indígena. Inicialmente meu interesse restringiu-se a esta etnia devido à localização, por ser próxima a cidade de Fortaleza, o que facilitou meu deslocamento e a realização da pesquisa e suas entrevistas. Em seguida, se deslocou para a AJIT ao saber da sua criação.

Percursos metodológicos

¹ Entendo por movimento indígena a organização dos grupos em busca da implementação de seus direitos, verificando uma atuação local, regional e nacional.

² Ver anexo B – mapa do Estado.

A metodologia adotada no primeiro momento foi a observação da participação da juventude em vários eventos aos quais estive presente: a Assembléia Indígena de 2009, realizada entre os Anacé, a Feira Cultural Tapeba, realizadas nos anos de 2010 e 2011, a Caminha do Dia do Índio Tapeba realizada no ano de 2010, além de outras reuniões menores e visitas esporádicas, essas últimas realizadas em idas a campo com colegas que também realizam pesquisas sobre os Tapeba.

Depois foram realizadas algumas entrevistas, a primeira de forma mais aberta com Marciane Tapeba, vice-coordenadora da AJIT. Em seguida, entrevistei Aline Tapeba, coordenadora da organização, Naara Tapeba, tesoureira e mais uma com a Marciane. As três últimas foram realizadas seguindo um programa de perguntas, com as quais procurei entender o que é ser jovem Tapeba, as atividades desenvolvidas pela AJIT, sua importância para o movimento indígena e para a própria juventude, seu objetivo, suas principais dificuldades, dentre outros questionamentos que foram surgindo conforme o desenrolar das conversas.

As entrevistas foram realizadas apenas com os membros da diretoria geral devido os outros órgãos administrativos não estarem definidos. Os cargos que compõem a diretoria geral são: coordenador, vice-coordenador, tesoureiro e secretário. Estes cargos são atualmente ocupados por Aline, Marciane, Naara e Adriana Tapeba, que pertencem às comunidades do Trilho, da Vila dos Cacos e Lagoa II, respectivamente. E por último, tomei por elemento de pesquisa o Estatuto da Articulação dos Jovens Tapeba, fazendo uma breve análise desse documento.

Para a realização deste trabalho considerei adequado entrevistar apenas os membros da diretoria geral uma vez que não existe um cadastro de associados da entidade, muitos jovens não conhecem ou não se identificam com a AJIT, além de que não houve a realização de nenhuma assembléia, ou de outra atividade realizada pela entidade, onde se poderiam identificar seus associados.

Destaco aqui que não deixaria de ser interessante uma pesquisa e entrevistas que incluísse os demais jovens Tapeba, mas acreditei que se tornaria mais difícil alcançar meus objetivos de pesquisa caso ampliasse o número de entrevistados.

Algumas dificuldades no decorrer da pesquisa foram encontradas, mas especificamente com relação as entrevistas: não consegui entrevistar a secretária da AJIT, pois não a encontrei em nenhuma das oportunidades que tive de ir a campo,

procurei nas escolas, nos eventos, com os demais membros da entidade, mas não obtive sucesso.

Outro obstáculo enfrentado foi o do deslocamento, pois como os Tapeba ocupam uma vasta extensão do município de Caucaia, algumas vezes as entrevistas eram realizadas em comunidades muito distantes e de difícil acesso. O serviço de transporte público para as aldeias é muito precário, além da demora pela distância, ainda foi preciso enfrentar a demora dos coletivos nos pontos de ônibus, tanto em Fortaleza, como em Caucaia.

A monografia está estruturada em quatro capítulos: no primeiro, faço um breve levantamento sobre o ressurgimento Tapeba, alguns acontecimentos que marcaram esse período e um pequeno histórico desde as primeiras entidades por eles criadas até as mais recentes, que tinham e ainda tem o intuito de fortalecer e organizar o movimento indígena Tapeba.

No segundo capítulo exponho e discuto os diferentes conceitos desenvolvidos com o objetivo de melhor definir e conceituar a categoria juventude. Para isso, apresento um breve levantamento histórico desse conceito, destacando como a juventude é entendida em diferentes áreas das Ciências Sociais, até chegar ao conceito sociológico de juventude usado na pesquisa para analisar a Articulação dos Jovens Tapeba (AJIT).

No terceiro, por sua vez, busco apresentar a associação, o objetivo de sua criação, seus deveres, direitos, a divisão dos órgãos administrativos, as eleições, as atividades realizadas, entre outros elementos. Todos esses aspectos são apresentados com base nas entrevistas feitas e na análise do seu estatuto.

E no quarto capítulo a análise da AJIT é feita com base em algumas teorias sobre juventude apresentadas no segundo capítulo. Além de expor conclusões obtidas após análise dos discursos alcançados por meios das entrevistas e de observação da situação da entidade no cotidiano dos Tapeba.

2 A ORGANIZAÇÃO ÉTNICA DO POVO TAPEBA

Nesse capítulo, pretendo fazer um breve levantamento dos acontecimentos que resultaram na afirmação étnica do povo Tapeba, na década de 1980, e de suas organizações políticas que foram sendo criadas desde o seu ressurgimento, partindo das primeiras associações até chegar as recentemente criadas, destacando dentre elas, a AJIT, que é o objeto principal de análise desta monografia e que será abordada posteriormente.

Os Tapeba³ vivem no município de Caucaia, Região Metropolitana de Fortaleza, situada a 16 km ao oeste da capital cearense. De acordo com dados da Fundação Nacional de Saúde – FUNASA de 2008, a população era estimada em 6.439 representantes Tapeba, distribuída em 17 comunidades indígenas, localizadas na periferia e nas zonas rurais do município. Estas comunidades são: Bom Jesus, Capoeira, Capuan, Cigana, Itambé, Jandaiguaba, Jardim do Amor, Lagoa I, Lagoa II, Lameirão, Mestre Antônio, Ponte I, Ponte II Sobradinho, Trilho, Vila dos Cacos e Vila Nova⁴. Apenas 12 destas dezessete comunidades são politicamente organizadas, as outras cinco não organizadas são: Bom Jesus, Cigana, Itambé, Mestre Antônio e Vila Nova.

O etnônimo Tapeba é um topônimo que dá nome a lagoa localizada na zona rural do município, nas proximidades onde moram as famílias indígenas. Os índios eram identificados pelos outros moradores da região como Tapeba, devido ao local em que viviam. Esse termo, por muitas vezes, era usado como adjetivo depreciativo para fazer referência aos índios Tapeba.

2.1 Os Tapeba e a Arquidiocese de Fortaleza

Em meados dos anos 1980, esse grupo encontrava-se morando em pequenos espaços às margens do Rio Ceará. De acordo com Ana Lúcia Tófoli (2010), em sua dissertação “*As retomadas de terras na dinâmica territorial do povo*

³ A grafia das etnias indígenas no Brasil segue as orientações do antropólogo Julio Cezar Melatti. Essa “Convenção para os Nomes Tribais” foi assinada na I Reunião Brasileira de Antropologia – ABA, realizada em 1953, no Estado do Rio de Janeiro. (consulta: <http://www.juliomelatti.pro.br/notas/n-cgnt.htm>). Nessa convenção segue outras orientações para a escrita dos etnônimos brasileiros.

⁴ Ver anexo C – Mapa distrital de Caucaia.

indígena Tapeba: Mobilização étnica e apropriação espacial", essa delimitação espacial devia-se a crescente urbanização no município de Caucaia (que se iniciou a partir da década de 1970) e à restrição aos recursos naturais, ao desmatamento e à expulsão dos locais onde tradicionalmente habitavam.

A crescente urbanização, a restrição do acesso a recursos naturais de onde tiravam a sua subsistência – lagoas, rios, manguezais, além do desmatamento de matas nativas e expulsão dos locais onde tradicionalmente habitavam, delimitaram uma configuração espacial em que a população estava espalhada em pequenos agrupamentos, com base em relação de parentesco, nas zonas rural e urbana do município de Caucaia. Dessa forma, os Tapebas encontravam-se, ao início da década de 1980, morando em pequenos espaços agrupados as margens do rio Ceará, na beira do trilho do trem e de rodovias. Em muitos casos viviam (e ainda vivem) em terrenos arrendados, cedidos ou alugados por terceiros; em alguns poucos casos tinham a posse legal de pequenas porções de terras. (TÓFILI, 2010, p.42)

O ressurgimento dos Tapeba se deu na década de 1980, mais precisamente em 1984, quando a Arquidiocese de Fortaleza, através da Equipe de Apoio às Comunidades Rurais, passou a atuar em Caucaia. Em 1985, a arquidiocese assessorou a formação da primeira organização institucional da qual os Tapeba fizeram parte, a Associação das Comunidades do Rio Ceará (ACRC), hoje denominada de Equipe de Apoio à Questão Indígena da Arquidiocese de Fortaleza, que envolvia tanto os índios, como os demais trabalhadores rurais locais, dando suporte a uma luta comum aos dois grupos, pela terra.

Segundo Tófoli (2010), “[...] a fundação da associação pode ser entendida dentro da orientação implementada, na época, pela igreja, de promover educação ‘cooperativa popular’, educação sindical e educação política, com base na valorização dos saberes tradicionais do grupo (p. 44). A arquidiocese desenvolveu um trabalho de avivamento da memória coletiva⁵ entre os Tapeba, devido o conhecimento que eles tinham de serem descendentes de índios. E foi através do

⁵ Segundo SCHIMDT e MAHFOUD (1993), memória coletiva é “o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais. O resultado deste trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são memórias coletivas”. Eles afirmam ainda que, para Maurice Halbwachs, sociólogo francês e da escola durkheimiana, a memória coletiva “desempenha um papel fundamental nos processos históricos. Por um lado, dando vitalidade aos objetos culturais, sublinhando momentos históricos significativos e, portanto, preservando o valor do passado para os grupos sociais. Por outro, sendo a guardiã dos objetos culturais que atravessam os tempos e que, então, podem vir a se constituir em fontes para pesquisas históricas”. A função da memória coletiva é de contribuir com o sentimento de pertencimento a um grupo em que seus indivíduos possuem um passado comum. Esse sentimento de identidade é pautado numa memória compartilhada. A memória coletiva é uma construção continua e comum, estabelecendo uma continuidade entre o que é passado e o que é presente.

apoio dela, que os Tapeba entraram em contato com a FUNAI pela primeira vez, sendo reconhecidos de forma oficial pela entidade. Ainda no ano de 1985, foi criado o Posto Indígena Tapeba (PIN).

A Arquidiocese de Fortaleza sustentava a afirmação de que os “tapebas são resultados de um lento processo de individuação étnica dos elementos daquelas quatro sociedades indígenas originárias, potiguaras, tremembés, cariris e jucás...”. Foi a partir do encontro dessas quatro etnias que os Tapeba surgiram reafirmando sua identidade étnica. Portanto, são considerados frutos de um processo de etnogênese⁶ (TÓFOLI, 2010).

Esse ressurgimento da etnia Tapeba dá origem ao que João Pacheco de Oliveira em seu artigo, *Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*⁷, chama de “processo de territorialização”.

O que estou chamando aqui de processo de territorialização é precisamente o movimento pelo qual um objeto político-administrativo – nas colônias francesas seria a “etnia”, na América espanhola as “reducciones” e “resguardo”, no Brasil as “comunidades indígenas” – vem a se transformar em uma coletividade organizada, formulando uma identidade própria, instituindo mecanismos de tomada de decisão e de representação, e reestruturando as suas formas culturais (inclusive as que relacionam com o meio ambiente e com o universo religioso). (OLIVEIRA, 2004, p. 24)

Outra atividade implementada pela equipe da Arquidiocese de Fortaleza e descrita por Tófoli (2010) foi a chamada “reunião do leite”, que durou cerca de um ano. Esta reunião “[...] tornou-se um momento de comunitarização, por exigir uma organização em diferentes localidades” (TÓFOLI, 2010, p. 44), para a distribuição do leite. Essa atividade contribuiu para a união e organização dos beneficiados, onde famílias Tapeba passaram a estabelecer uma relação de parentesco, de amizade e articulação em torno dos seus direitos étnicos.

Além do trabalho de distribuição de leite, havia também distribuição, de forma gratuita, de outros materiais para a comunidade, como material de construção e remédios. Nesta atividade destacava-se um caráter assistencialista, que se distinguia do objetivo da criação da ACRC, que seria um incentivo de caráter associativo.

⁶ Barreto Filho (ANO) define o termo etnogênese como o “processo de formatação, manutenção e dinâmica de uma fronteira socialmente efetiva e uma identidade categórica”.

⁷ *In*: A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena.

Vale ressaltar também que o ressurgimento, não só dos Tapeba, mas dos povos indígenas do Nordeste, ocorreu em paralelo com a promulgação da Constituição de 1988. Nela constam artigos específicos sobre os direitos originários dos índios sobre a terra tradicionalmente ocupada por eles, além de reconhecer sua organização social, tradições, costumes, crenças e línguas. Sendo dever da União, demarcar as terras indígenas, proteger e fazer valer todos os direitos dos índios.

Faz-se necessário destacar aqui a importância das Organizações Não Governamentais, ONGs. Elas surgiram no mesmo período da década de 1980, desenvolvendo ações de assistência a grupos que reivindicavam o cumprimento de seus direitos. Para tanto, conseguiam verbas internacionais para realizarem projetos junto aos movimentos sociais, incluído aqui o movimento indígena. No mesmo período de atuação da arquidiocese com os Tapeba, sua equipe começou um trabalho pela visibilidade da existência de índios no Ceará, através de panfletos, cartazes, manifestações públicas e divulgação na mídia do Estado.

Essa campanha se fez necessária devido à ideia da inexistência indígena no Ceará ser quase uma unanimidade junto à população cearense. Afirmava-se, até meados da década de 1970, que o Ceará, juntamente com o Piauí e o Rio Grande do Norte, além do Distrito Federal, eram os estados brasileiros onde não existia mais a presença indígena. Essa negação teve início em 1863, quando José Bento da Cunha Figueiredo, o então Presidente da Província do Ceará, apresentou um Relatório Provincial em que afirmava a não existência de “índios bravios ou aldeados no Ceará”, havendo assim, um período histórico em que se acreditou no desaparecimento dos índios no Estado (SILVA, 2011). Os Tapeba, orientados e apoiados pela Arquidiocese de Fortaleza, deram início as suas primeiras idas à Brasília e com elas a participação nos movimentos de articulação a nível nacional.

Segundo Tófoli (2010), essas primeiras viagens foram encaradas como um período de aprendizagem da “luta”, recebendo o apoio das lideranças indígenas de outros estados, consolidando a organização política Tapeba.

Atuando num campo político intersocietário carregado de valores simbólicos, em torno do qual se dá a legitimação ou constatações dos referenciais étnicos, deu-se a consolidação da organização política Tapeba em meio a diversos agentes. Além do apoio e orientação da equipe da arquidiocese de Fortaleza, as lideranças Tapebas passam a estabelecer interações com outros povos e conhecer seus mecanismos de luta, em um universo simbólico. (TÓFILI, 2010, p. 46).

Tofóli (*ibidem*) continua explicando que na década de 1990, com a criação da Pastoral Indigenista, houve uma alteração no modo de operação da arquidiocese, adotando um modelo que incentivava formas de organizações políticas que valorizassem os laços coletivos do grupo indígena, afastando-se do modelo assistencialista até então praticado pela arquidiocese e incentivando as práticas associativas.

2.2 Organizações Políticas e Culturais Tapeba

Ao longo de seu processo de aprendizado e organização política, os Tapeba, entre os povos indígenas no Ceará, talvez seja aquele que mais tenha criado associações, tanto políticas como culturais. É difícil estabelecer um espaço rigoroso entre o político e cultural em suas instituições, dado o estreito vínculo entre estas instâncias. As organizações Tapeba são: Associação das Comunidades Indígenas Tapeba – ACITA, Centro de Saúde dos Índios Tapeba – CESIT, Associação dos Professores Indígenas Tapeba – APROINT, Associação Indígena Tapeba de Cultura e Esporte – AINTACE e Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba – AJIT⁸.

2.2.1 Associação das Comunidades Indígenas Tapeba (ACITA)

A partir da década de 1990, começam a ser criadas as organizações políticas Tapeba. Em 1992, foi criada a Associação das Comunidades Indígenas Tapeba - ACITA, que se tornou a principal instância do grupo. De acordo com Tofóli (2010), “[...] as comunidades são organizadas em torno de lideranças que se reúnem mensalmente, ou sempre que necessário, para encaminhamentos de demandas comuns”. Afirma ainda, que esse tipo de organização facilita o envolvimento das lideranças Tapeba com organizações tanto a nível estadual, como a realização anual da Assembléia dos Povos Indígenas do Ceará⁹; realizada anualmente desde

⁸ Além das organizações que são apontadas nesse tópico, existe também a Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba – AJIT, criada em 2009. Essa organização Tapeba, como dito, é o objeto principal da pesquisa e reflexão dessa monografia, a ser apresentada em capítulo específico.

⁹ A Assembleia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará é um dos principais espaços de encontro e organização do movimento indígena estadual. Tem por objetivo discutir as demandas do movimento e, a partir disso, fazer reivindicações que contemplem todos os povos indígenas do Estado. A XVII

1994, onde são discutidos os direitos indígenas, as reivindicações e encaminhamentos. Como a nível regional, principalmente depois da criação, em 1995, da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – APOINME. Além das organizações a nível nacional. A pesquisadora descreve a estrutura organizacional da ACITA da seguinte forma:

A ACITA é, atualmente, a principal instância de mobilização Tapeba. Segue a seguinte estrutura organizacional: uma diretoria executiva, formada por presidente, secretário, tesoureiro, segundo tesoureiro, um conselho fiscal com seis lideranças titulares e seis suplentes, e uma comissão geral composta por duas lideranças de cada comunidade. A associação tem eleições bianuais. Além da associação, as decisões políticas passam pelas reuniões de rodízio e pela assembléia geral. (TÓFILI, 2010, p. 53)

É importante destacar que as organizações políticas Tapeba estabeleceram relações com diferentes agentes, tanto governamentais, além da FUNAI, como não-governamentais. Essas relações são parte de estratégias utilizadas para garantir a realização de projetos, a partir de editais do governo federal, em parceria com entidades não-governamentais. Desde 2006, foram aprovados projetos pelo Ministério do Meio Ambiente, pelo Ministério da Saúde e o Ministério da Cultura.

Com o Ministério do Meio Ambiente foi aprovado um projeto para a construção de uma mini-padaria, uma horta e um galpão comunitário, na comunidade da Jandaiguaba. Além de um galpão para o artesanato e costura na comunidade de Sobradinho e a construção de uma granja e de um abatedouro na comunidade Jardim do Amor. Já o Ministério da Saúde financiou a construção de uma horta comunitária, vinculada à escola, na comunidade Lagoa II. E houve a aquisição de equipamentos audiovisuais, através do prêmio Culturas Indígenas, do Ministério da Cultura, no qual a Festa da Carnaúba foi a premiada.

Entre as parcerias com as organizações não-governamentais, Tófoli (2010) destaca duas: com o Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza (CDPDH) e com a Associação para o Desenvolvimento Local Co-produzido (ADELCO). A ONG CDPDH, atua junto aos Tapeba desde 1982, dando assessoria jurídica. Realizou nos últimos quatro anos o evento Raízes Indígenas, que geralmente acontece no mês de abril, mas nesse ano de 2011 o “III Raízes Indígenas” foi realizado no dia sete de novembro.

No evento são realizadas apresentações artístico-culturais dos povos indígenas do Ceará, além de palestras sobre questões jurídicas de interesse dos participantes. O último evento contou com a participação do advogado Dr. Paulo Machado Guimarães, consultor jurídico no Distrito Federal e advogado da Comissão Indígena do PET 3388¹⁰ do Supremo Tribunal Federal - STF (Caso Raposa Serra do Sol), palestrando sobre os impactos das condicionantes do STF¹¹ nos processos relativos à demarcação das terras indígenas, fazendo referência ao caso Raposa Serra do Sol.

O CDPDH, com o apoio da ACITA, realiza também o intercâmbio cultural, no qual são selecionados jovens dentro das comunidades Tapeba para terem a oportunidade de viajar a outras cidades do Estado, ou até mesmo para outros estados e conhecerem organizações de outros povos indígenas.

A ADELCO atua em parceria com a ACITA desde 2001. Essa ONG tem atuado principalmente na construção de moradias, tendo o apoio técnico da FAP, Fondation Abbé Pierre pour le Logement de Défavorisés, ONG francesa, estando junto dos Tapeba desde 2003, com o projeto Microcrédito Habitacional. Esse crédito é cedido aos indígenas a ser pago em até 36 meses com taxa de 1% ao mês. Os pré-requisitos para ser beneficiado são:

[...] ser morador na comunidade, ser associado à ACITA, ter idoneidade no comércio local, ter quitado eventual financiamento anterior com a ACITA/ADELCO, ter renda familiar per capita de até R\$ 350,00, ter terreno disponível e se responsabilizar pela mão de obra. (TÓFILI, 2010, p.57 e 58)

Existe ainda outro financiamento que tem o intuito de fornecer crédito para a aquisição de matéria-prima, mercadorias e equipamentos para micro negócios. Com a parceria entre ADELCO, FAP e ACITA foi possível a construção do Memorial Cacique Perna-de-Pau e o Centro de Produção Cultural Tapeba, financiado pelas duas ONGs. Outros projetos foram realizados com os financiamentos dessas organizações, como as oficinas de incentivo ao turismo

¹⁰ Petição 3388

¹¹ O Supremo Tribunal Federal – STF julgou, em 2009, o caso da demarcação da Terra Raposa Serra do Sol, Roraima. Nesse julgamento foram estabelecidas 19 condicionantes. Elas impostas pelo STF para regular a situação dos territórios da União ocupados pelos índios e garantir a soberania nacional sobre as terras demarcadas, podem representar uma ameaça à demarcação de terras indígenas não somente para o caso Raposa Serra do Sol, como para qualquer processo demarcatório em andamento ou futuro. Várias condicionantes põem em risco os direitos indígenas garantidos na Constituição. Com as condicionantes, o STF impôs algumas restrições quanto à demarcação, como por exemplo, a impossibilidade de ampliação das áreas demarcadas e o caso de implantação de projetos de infra-estrutura não precisarem mais de consulta às comunidades indígenas afetadas.

comunitário e solidário, e a construção de fossas verdes e cisternas. Na década de 1990 passou a ser possível perceber uma atuação maior e mais organizada entre os Tapeba em prol da busca pelos seus direitos. Nesse período começaram a acontecer as primeiras reivindicações e retomadas de terras indígenas. E também uma nova frente de demandas voltadas para o direito a saúde e educação diferenciada.

2.2.2 Centro de Saúde dos Índios Tapeba (CESIT)

A luta pelo direito no âmbito da saúde resultou na construção do primeiro Centro de Saúde dos Índios Tapebas – CESIT. O primeiro centro foi construído na comunidade de Capoeira, o segundo foi construído na Ponte e o terceiro na Lagoa II. E no Trilho, um espaço de atendimento médico foi cedido pela comunidade e adaptado pela FUNASA¹². O CESIT, conta com a atuação de agentes comunitários indígenas de saúde. Além do trabalho de construção de banheiros e de saneamento básico.

2.2.3 Associação dos Professores Indígenas Tapeba (APROINT)

No início da década de 1990 surgiram as primeiras escolas indígenas, nas comunidades Lagoa II e Trilho, que funcionavam de forma precária e com professores indígenas voluntários. Em 2001 foi criada a Associação dos Professores Indígenas Tapeba – APROINT. A educação diferenciada passou a ser um mecanismo importante para a afirmação étnica Tapeba e uma das principais lutas da causa indígena.

A APROINT, em parceria com a Secretária de Educação do Estado do Ceará – SEDUC –, realizou o curso de magistério indígena, tendo como modelo um projeto apresentado pelo órgão. O curso foi realizado de 2001 a 2004, tendo uma grande importância na melhoria do funcionamento das escolas, aumentado também o

¹² Até 2011, a Fundação Nacional de Saúde – FUNASA era responsável pela implementação da saúde diferenciada indígena. Atualmente, a responsabilidade pela saúde é da Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESAI, área do Ministério da Saúde. “A Sesai tem como missão principal a proteção, a promoção e a recuperação da saúde dos povos indígenas e exercer a gestão de saúde indígena, bem como orientar o desenvolvimento das ações de atenção integral à saúde indígena e de educação em saúde segundo as peculiaridades, o perfil epidemiológico e a condição sanitária de cada Distrito Sanitário Especial Indígena - DSEI, em consonância com as políticas e programas do Sistema Único de Saúde – SUS”. Disponível em <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/area.cfm?id_area=1708>. Último acesso em: 03. jun. 2012.

seu número, que passou de três para nove; o que elevou o número de alunos e professores.

Atualmente, existem 12 escolas de ensino diferenciado distribuídas nas comunidades indígenas Tapeba. A partir da criação e fortalecimento das escolas, produziu-se um calendário de atividades ligadas diretamente a elas. Porém, essas atividades não são realizadas apenas por alunos e gestores, mas abrangem todo o povo Tapeba. Essas atividades são manifestações culturais que foram pensadas de uma forma que pudessem contar com a participação dos não indígenas, sendo elas uma estratégia de aproximá-los da realidade dos índios, para que assim possam conhecê-los e respeitá-los.

Essas manifestações são a Caminhada do Dia do Índio Tapeba e a Feira Cultural. A caminhada é realizada no dia três de outubro. Tofóli (2010) afirma que neste evento há um homenageado, que seria o Cacique Perna-de-pau, também conhecido como Zé Zabel, falecido nos anos 1940 e que foi uma forte liderança Tapeba à época. Para Barreto Filho (1994), o homenageado seria o “cabo” Vítor, genro do Cacique Perna-de-Pau e era tido como o último chefe indígena, falecido em 1984, vítima de um ataque cardíaco.

Essa discordância também se reproduz entre os próprios índios, que não sabem identificar ao certo quem seria o homenageado com o Dia do Índio Tapeba¹³. É de se estranhar, que os próprios índios não guardem unanimidade quanto a isso. O que nos leva a pensar sobre a lógica que orienta as ações dos Tapeba. Nesse sentido, é possível imaginar que, para a coletividade, mais importante que o homenageado é a própria ação de valorização e visibilização dos índios Tapeba contemporâneos (eles próprios).

Independente da importância individual do Cacique Perna-de-Pau ou do “cabo” Vítor para o movimento indígena Tapeba, o importante, nesse caso, é o significado da ação coletiva da caminhada perante a sociedade envolvente, que tem por objetivo chamar a atenção para a existência indígena em Caucaia. Era realizada da praça da igreja do bairro Capuan à lagoa dos Tapeba, mas foi transferida para o Centro de Caucaia, no ano de 2010, com o intuito de alcançar uma maior atenção dos não indígenas do município.

¹³ Os alunos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena – UECE – criaram um cordel, no qual é possível perceber a discordância entre os próprios Tapeba em reconhecer quem seria o homenageado com o Dia do Índio Tapeba (Anexo D).

A Feira Cultural, que é realizada no terreiro dos *Paus Brancos* (lugar sagrado para os Tapeba) tem a duração de três dias e é realizada anualmente. Na feira, cada escola possui uma oca, as quais estão organizadas em forma de semicírculo. No centro são realizadas as atividades da festa, como apresentações da dança Toré¹⁴, palestras sobre saúde, discursos e debates de caráter político, competições esportivas de diferentes modalidades, apresentações dos alunos e desfiles de trajes tradicionais.

Nasocas, são expostos e vendidos trabalhos artesanais feitos por alunos e outros membros das comunidades ali representadas, além da venda de comida e do mocooró¹⁵. A Feira Cultural é encerrada com a Festa da Carnaúba, realizada na última noite, em homenagem a carnaúba, planta sagrada e base da economia local. Dela, tudo se aproveita, desde a palha e sementes que são materiais para se fazer os trajes e artesanatos, até a cera que é vendida para a indústria de cosmético, limpeza e alimentos.

Como fora afirmado anteriormente, esses eventos são idealizados e realizados pelas escolas, mas tem a participação de todo povo Tapeba e são abertos aos não-índios, como uma forma de reafirmação étnica e diferencial cultural diante da sociedade envolvente. Outro avanço para a educação diferenciada indígena são as realizações de dois cursos de licenciatura intercultural indígena: o Magistério Indígena Superior Intercultural dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé – MISI-PITAKAJÁ –, curso de Licenciatura Intercultural Específica, ofertado pela Universidade Federal do Ceará – UFC; e a Licenciatura Indígena, promovida pela Intercultural Universidade Estadual do Ceará. Ambos os cursos de licenciatura contemplam os Tapeba.

¹⁴ O Toré é uma dança de roda, praticada pelos índios das etnias do Ceará, na qual os participantes seguem passos sincronizados, cantando músicas relacionadas à cultura indígena. No centro da roda ficam os “puxadores” do Toré, que “puxam” a música e tocam instrumentos. Essa dança é praticada em diversas ocasiões, como apresentação cultural para o público geral, como em momentos de reivindicações pelo cumprimento de seus direitos e em eventos internos do movimento indígena. Tem característica tanto religiosa, como cultural, mas sempre voltada para a afirmação étnica dos grupos indígenas que a praticam.

¹⁵ **Mocooró**: bebida de origem indígena que tem por base a fermentação do sumo do caju que é utilizada durante os rituais.

2.2.4 Associação Indígena Tapeba de Cultura e Esporte (AINTACE)

Outra organização Tapeba articulada é a AINTACE, Associação Indígena Tapeba de Cultura e Esporte. Ela é responsável pelas competições esportivas que acontecem na Feira Cultural, como a corrida de tora, cabo de guerra e competição de arco e flecha, além da participação Tapeba nos Jogos Indígenas do Estado, geralmente realizados no mês de abril, do campeonato municipal de futebol e de outras competições.

A criação dessas organizações políticas e culturais Tapeba pode ser considerada o resultado da experiência adquirida através das relações mantidas, do contato e da identificação desse povo com a realidade de outros grupos indígenas. Por terem a consciência de que são indivíduos detentores de direitos garantidos por leis, os quais muitas vezes não são respeitados, foram levados a se organizarem política e culturalmente para “lutar” pelo cumprimento desses direitos.

3 CONCEITUANDO O TERMO JUVENTUDE

Nesse capítulo pretendo expor as principais idéias e conceitos que foram desenvolvidos por especialistas com o intuito de melhor conhecer e definir o que é Juventude. Para tanto tomei como base alguns autores de diferentes áreas, tais como Sociologia, Antropologia e Educação, além de estudos desenvolvidos pela UNESCO.

Diversas foram as tentativas de conceituar, definir e limitar o período de início e término da adolescência e da juventude, busca que começou a vários séculos atrás. De acordo com as educadoras Gilselene Guimarães e Mírian Grinspun¹⁶, *Revisitando as origens do termo Juventude: a diversidade que caracteriza a identidade*, essa busca não teria alcançado resultados satisfatórios. Elas afirmam que:

Trata-se, entretanto, não de uma busca recente, mas decorrida há séculos e com uma crescente angústia de, até então, não se ter obtido resultados que sejam satisfatórios à hegemônica linha de pensamento cartesiano, adotado pela maioria das academias, onde cada coisa deve ocupar seu devido lugar e não se estender ao campo alheio. (GUIMARÃES E GRINSPUN, s.d., p.01)

As referidas autoras elaboraram uma retrospectiva dessas tentativas de definição das categorias de adolescente e jovem. Exponho aqui um breve histórico, baseado em suas elaborações. Desde a Antiguidade Clássica Ocidental, os estudiosos buscavam uma definição do que vem a ser juventude. Na Grécia antiga, segundo Guimarães e Grispun, até o século V, a vida era organizada em função do efebo, rapaz que atingia a puberdade. Por sua vez, na Roma antiga, durante o governo de Augusto, existia a classe dos “príncipes da juventude”, onde estavam inseridos os meninos de 16 anos. Na Idade Média, durante os séculos VI e VII, as fases da vida ganharam características de “segmentação etária” – infância, que variava do 0 aos 7 anos, puberdade de 8 a 13, adolescência de 14 a 21 e juventude de 22 a 30, considerada a idade dos perigos.

¹⁶ Mírian Grinspun é mestre em Instituto de Estudos Avançados Em Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1977) e doutora em Filosofia pela Universidade Gama Filho (1984). Atualmente é professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando no programa de pós-graduação em Educação. Coordenadora do NUPEJOVEM, situado no PROPED/UERJ, desde 2001. Gilselene Guimarães fez mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2007).

Com o advento de uma nova etapa no pensamento humano, a partir do século XVIII surgiu uma visão mais sociológica da juventude. Gilselene Guimarães e Mírian Grinspun se utilizam da idéia de Ortega y Gasset (1987)¹⁷, para afirmar a principal característica da juventude daquele século. Segundo ele, a característica dos jovens seria “[...] identificada em uma figura que somente executa as velhas idéias implantadas pelos adultos, afirmando não “[...] a sua juventude, mas princípios recebidos” (p. 119).” (ORTEGA Y GASSET *apud* GUIMARÃES, s.d, p. 01 e 02).

No final do século XIX, surge na sociedade capitalista industrial o termo adolescência, que buscava definir o início da segunda infância. Delimitou-se tal a idade a partir dos 13 anos. No século XX, as autoras citam G. Stanley Hall (1904)¹⁸ como o primeiro autor a abordar o tema adolescência como uma fase de grande importância no desenvolvimento humano.

Com bastante freqüência os termos, Adolescência e Juventude, são usados como sinônimos, o que se configura como um erro, se fazendo aqui necessário expor a distinção entre eles. A adolescência é uma fase natural, que está ligado a uma lógica desenvolvimentista, onde todos obrigatoriamente passam por ela e de forma similar.

Débora Augustin *et al.* (s.d), em “Desnaturalizando o conceito de Juventude através dos tempos”, afirmam que a adolescência tem um caráter mais pessoal e individualista, na qual a maioria dos indivíduos geralmente reflete sobre a formação de sua identidade, a questão profissional, o posicionamento sexual e o surgimento de conflitos com os pais.

Essas mudanças estariam ligadas ao processo de puberdade e às suas conseqüências, sendo esses questionamentos típicos dessa fase da vida. Para deixar mais claro e de uma forma mais concisa, elas utilizam-se de uma passagem do texto de Coimbra, “a adolescência surge como um objeto exacerbado por uma série de atributos psicologizantes e biologizantes” (Coimbra, 2005)¹⁹.

¹⁷ ORTEGA Y GASSET, José (1883-1955). “Juventudes”. In: A Rebelião das Massas. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 239 – 248.

¹⁸ HALL, G. Stanley. Adolescence. 1904

¹⁹ COIMBRA, C.; BOCCO, NASCIMENTO, M. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1, (pp. 2-11).

Segundo Gilselene Guimarães e Mírian Grinspun, adolescência é o termo de uso preferencial da Psicologia.

A adolescência, termo de preferência dos psicólogos, foi naturalizado por esta ciência, sem considerar os fatores sociais que envolvem os indivíduos, argumentando que este seria o período vivenciado por todos, entre a infância e a vida adulta. (GUIMARÃES, s.d, p. 03)

Tanto para a Organização Mundial da Saúde (OMS), como no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)²⁰, a adolescência seria um processo biológico de desenvolvimento humano. No entanto, existem diferenças entre a OMS e o ECA na delimitação etária. Para a primeira, o período adolescente vai dos 10 aos 19 anos, já no segundo essa fase está entre os 12 aos 17 anos.

O uso do termo Juventude é de preferência das Ciências Sociais, mais especificamente História, Comunicação, Educação, Antropologia e Sociologia. Para a História, a juventude não pode ser definida com clareza, pois depende de fatores temporais, espaciais, culturais e sociais, dentro do período que a sociedade está sendo estudada.

Ainda de acordo com Gilselene Guimarães e Mírian Grinspun, na Antropologia, juventude é tida como uma nova visão dos elementos culturais. Os antropólogos colocam essa fase como enriquecedora da sociedade, através de novos valores e perspectivas, apresentando a criação da “Cultura Juvenil”.

Surgem estudos (Becker, 1989; Calligaris, 2000)²¹ que privilegiam as questões culturais, enfatizando que os jovens fazem empréstimos da sociedade e da cultura apresentando-os como protagonistas de uma transformação nas formas diferenciadas de pensar, de sentir e de se expressar. (GUIMARÃES, s.d, p. 5)

Continuando no âmbito cultural, as autoras expõem, através de um diálogo com Margareth Mead (1951)²², que as normas e tradições culturais direcionam a natureza da juventude. Mead situa a juventude como uma fase da vida, de limites cronológicos flutuantes, cuja duração variariam de cultura para cultura.

Baseado no trabalho de Gilselene Guimarães e Mírian Grinspun entende-se que para a Educação, a principal distinção entre a adolescência e a juventude é que a primeira se trata de um processo de desenvolvimento, que é caracterizado

²⁰ A Lei que deu vida ao ECA é de Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 e esta foi sancionada pelo ex-presidente do Brasil Fernando Collor de Mello. Disponível em <<http://eca.claretianas.br/>>. Acesso em: 03. jun. 2012.

²¹ CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

²² MEAD, Margareth (1901-1978). Adolescencia y cultura en Samoa. Buenos Aires: Paidós, 1951.

pelas mudanças biológicas. E a juventude é caracterizada pela entrada na vida social, principalmente no mercado de trabalho (independência financeira). Essa distinção foi elaborada pelas autoras baseada em pesquisas feitas por importantes estudiosas da área da Educação, sendo elas Mirian Abramoway (2004)²³, Helena Abramo (1994, 1997, 2003)²⁴, Marília Spósito (1997)²⁵.

Para as educadoras Zucchetti e Bergamaschi (2007), a juventude não pode ser tomada como universal, pois se apresenta como plural e diversa. Aqui, essa fase de vida é compreendida como construção histórica, cultural e social, diferenciando-se no tempo e no espaço.

Tratando-se da juventude como uma faixa etária, o recorte sociológico começa aos 15 e termina aos 24 anos. Essa mesma classificação etária é considerada pela Organização Internacional da Juventude (OIJ) e também convencionalmente usada no Brasil. Para ser membro da AJIT, o jovem deverá ter entre 12 e 29 anos. Ser reconhecido pelo povo Tapeba como pertencente a ele, ser comprometido com a causa indígena. Podemos perceber que a faixa etária adotada pela entidade não é a mesma considerada OMS, pelo ECA, a OIJ e a usada no Brasil.

Para a UNESCO (2005), juventude é atribuída como um período de transitoriedade, no qual se produzem importantes mudanças, variando de acordo com a sociedade que se está inserida.

O termo "juventude" refere-se ao período de ciclo de vida em que as pessoas passam a infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, etnias, as classes sociais e o gênero. (UNESCO, 2005, p. 23)

Ainda de acordo com o texto da UNESCO, se observa um consenso em relação aos critérios usados para se estabelecer o início da juventude. Contudo, se tem uma dificuldade em determinar o limite superior dessa fase.

²³ ABRAMOWAY, Mirian. Juventude e Juventudes na realidade do Brasil. Goiânia: 2006. Disponível em: <<http://anchietanum.com.br/semana1/julho/segunda/apresentmiram.ppt>>.

²⁴ ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n.5 e n.6, p.25-36, maio/dez. 1997.

²⁵ SPÓSITO, Marília. Estudos sobre juventude em Educação. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e n. 6, p. 37-52, maio/dez. 1997.

De fato, para estabelecer a idade de início da juventude se observa um razoável consenso em dar prioridade aos critérios derivados de um enfoque biológico e psicológico, no entendimento de que o desenvolvimento das funções sexuais e reprodutivas representa uma profunda transformação da dinâmica física, biológica e psicológica que diferencia o adolescente da criança. No entanto, no estabelecimento do limite superior surgem dúvidas. As fronteiras da juventude em relação à fase adulta são de fato difusas. (UNESCO, 2005, p. 23)

Em “A Juventude não é Apenas uma Palavra”, Bourdieu (1983) inicia sua fala afirmando que as divisões entre idades são arbitrárias. E que a fronteira entre juventude e velhice é objeto de disputas em todas as sociedades, sendo ela também uma divisão de poderes, pois impõe limite e produz ordem.

[...] lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar. (BOURDIEU, 1983, p.01)

A UNESCO trabalhou com duas outras abordagens sobre a juventude. Demograficamente a juventude corresponde a uma determinada faixa etária.

Do ponto de vista demográfico, os jovens são, principalmente, um grupo populacional que corresponde a uma determinada faixa etária que varia segundo contextos particulares, mas que, geralmente, está localizada entre os 15 e os 24 anos de idade. (UNESCO, 2005, p. 25)

Também se trabalhou com a abordagem de enfoques biológicos e psicológicos. A partir disso, a juventude é definida como o período que se inicia com a maturidade fisiológica e encerra com a maturidade social.

Mas, nem todas as pessoas de uma mesma idade percorrem esse período vital da mesma forma, nem atingem tal meta ao mesmo tempo, daí que a partir da sociologia e da ciência política se insiste na necessidade de se incorporarem outras dimensões de análise. A juventude tem significados distintos para pessoas de diferentes estratos socioeconômicos, e é vivida de maneira heterogênea, segundo contextos e circunstâncias. Esse é o embasamento para se pensar juventude no plural. (UNESCO, 2005, p.25)

Elaine Müller em seu artigo, “*As Palavras Nunca Voltam Vazias*”: reflexões sobre classificações etárias, encontrado em *Jovens e Juventudes* (2005), afirma que a juventude por ser um período de experimentações e de caráter liminar, agrega diferentes indivíduos de idade comum, essa sendo a única característica em comum entre eles.

O sociólogo francês, Pierre Bourdieu (1983), assevera que “juventude” (enquanto categoria), assim como “velhice”, não é dada, mas sim, construída socialmente na luta entre essas duas categorias. Ele coloca ainda a juventude como

um dado biológico socialmente manipulado e manipulável, e o próprio fato de se tratar a juventude no singular, como unidade social, já se apresenta como uma manipulação evidente:

[...] mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma unidade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes. (BOURDIEU, 1983, p. 02)

As duas juventudes, às quais Bourdieu se refere, são a dos jovens com e sem direito à adolescência. O primeiro se refere aos jovens estudantes burgueses, que são assistidos economicamente. E os jovens sem adolescência são os trabalhadores operários. Ou seja, para ele seria um abuso de linguagem reduzir a um conceito de juventude universos sociais tão diferentes.

José Machado Pais (1990) afirma que “[...] nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil ‘unitária’”. E que a principal questão colocada à sociologia é que se devem estudar as diferenças existentes entre os jovens. Segundo o autor, essa percepção da existência de diferentes culturas é antiga, para confirmar isso ele cita A. Sedas Nunes²⁶.

No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre os jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também –e principalmente- as diferenças sociais que entre eles existem. Por outras palavras, e como há uma vintena de anos A. Sedas Nunes o reconhecia, <<não se vê como possam englobar-se numa mesma geração –e, por conseguinte, num mesmo grupo- indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, se identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes>>. (Pais, 1990, p. 140)

Pais expõe que a própria Sociologia da Juventude tem oscilado entre duas tendências de compreensão da juventude. Na primeira tendência a juventude é entendida como conjunto social de indivíduos pertencentes a uma mesma fase de vida, buscando os aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase, “[...] aspectos que fariam parte de uma ‘cultura juvenil’, específica, por tanto, de uma geração definida em termos etários;” (PAIS, 1990, p. 140). E na segunda, a juventude é entendida como conjunto social diversificado, com diferentes culturas

²⁶ NUNES, A. Sedas. Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento. Lisboa: Moraes, 1968.

juvenis. Existem jovens de diferentes realidades econômicas, de poder, de interesses, entre outros. Por tanto, seria um abuso agrupar diversos universos sociais ao mesmo conceito de juventude.

O autor ainda coloca que, “se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, de valores, símbolos e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar [...]” (PAIS, 1990, 140), os elementos dessas culturas juvenis tanto podem ser próprios dessa fase de vida, levando-se em consideração as noções de juventudes, como podem ser assimilados. Essa assimilação pode ser de gerações anteriores (corrente geracional), ou de trajetórias de classes (corrente classista) em que os jovens estejam inseridos.

Ele chama atenção para o fato de que por diversas vezes, no decorrer do seu texto, se faz referência a juventude enquanto conjunto social, no qual a principal característica deste conjunto é ser formado por indivíduos pertencentes a uma mesma fase de vida. No entanto, destaca que o termo juventude expressa idéias e conceitos diferentes. O autor então propõe que a juventude seja percebida em torno de dois eixos semânticos, primeiro como uma aparente unidade, no sentido de ser um conjunto social cuja principal característica é de ser formado por indivíduos de uma mesma fase de vida, definido em termos etários (corrente geracional). E em segundo, juventude como conjunto social diversificado, aqui se referindo a diferentes situações sociais nas quais os jovens estão inseridos e que os distingue entre si (corrente classista).

Não existe um conceito único de juventude que compreenda os dois eixos semânticos, de aparente unidade e de diversidade. Segundo Pais, “A diferentes juventudes e a diferentes maneiras de olhar essas juventudes, corresponderão, pois, necessariamente, diferentes teorias.” (PAIS, 1990, 151). Essas diferentes teorias poderiam ser agrupadas em duas principais correntes sociológicas, a corrente geracional e a corrente classista:

1. Corrente Geracional:

Na corrente geracional, a noção de juventude é tida com uma fase de vida, sendo destacado seu aspecto de unidade. Pais afirma que a principal questão discutida nesta corrente está relacionado à continuidade e descontinuidade dos

valores intergeracionais. Ainda segundo o autor, o quadro teórico dominante na corrente é baseado nas teorias de socialização, elaboradas pelo funcionalismo, e nas teorias de geração. Para as teorias da socialização, “[...] os conflitos, ou as descontinuidades intergeracionais, são vistos, na maior parte dos casos, como “disfunções” nos processos de socialização que respeitam a juventude, tomada no sentido de fase de vida.” (PAIS, 1990, 152). E para as teorias de gerações, “[...] se não existissem descontinuidades intergeracionais, não existiria uma teoria das gerações.” (PAIS, 1990, 152). Nessa corrente a reprodução social é baseada nas relações intergeracionais.

Tendo por base o estudo de A. Sedas Nunes, Pais caracteriza geração social como, primeiramente sendo um conjunto formado por indivíduos cujas idades se concentram; em segundo, que partilham do mesmo sentimento de estarem na presença de grupos que se distinguem do seu pela idade e em terceiro, que partilham o mesmo sentimento de diferenças entre os outros grupos, diferenças essas não somente etárias, mas também sociais e culturais.

A corrente geracional admitiria a existência de uma cultura juvenil que estaria em oposição as culturas das outras gerações, principalmente das gerações adultas. “Essa oposição poderá assumir diferentes tipos de descontinuidades intergeracionais, falando-se ora de socialização contínua, ora de rupturas, conflitos ou crises intergeracionais.” (PAIS, 1990, p. 153). Socialização contínua aconteceria quando os jovens são socializados de acordo com as normas e valores das gerações mais velhas. E rupturas, conflitos ou crises aconteceriam quando as descontinuidades intergeracionais se apresentam como tensão e confrontação.

Para a corrente geracional as experiências são compartilhadas entre indivíduos da mesma geração, por experimentarem circunstâncias e problemas semelhantes. O que difere da corrente classista, pois esta defende que as experiências são compartilhadas entre indivíduos da mesma classe social. O relacionamento entre jovens e adultos pode se apresentar de duas maneiras, segundo esta corrente. O primeiro seria o apromático, juventude como fase intermediária e não conflituosa entre adolescência e a fase adulta. E o relacionamento problemático, onde jovens e não jovens se percebem como pertencentes a culturas diferentes, como afirma Pais, e se vêm mutuamente como outros. Em ambos os casos se aceita a existência de uma cultura juvenil, porém situadas diferentemente uma da outra.

Para o relacionamento aproblemático a cultura juvenil é vista como: “[...] integrada no tecido social compartilhada pela vida adulta: isto é, as pautas culturais dos jovens e dos adultos seriam compatíveis e, inclusivamente, complementares.” (PAIS, 1990, p. 154). E no relacionamento problemático, as culturas se apresentariam como ou incompatíveis ou divergentes, o que justificaria a possibilidade da cultura juvenil ser apresentada como contracultura, “[...] isto é, como cultura que – na medida em que negaria ou poria em causa a ‘cultura adulta’ - a ameaçaria.” (PAIS, 1990, p. 155).

A crítica mais recorrente a corrente geracional é de se definir a juventude como uma categoria etária e homogênea, o que acarretaria em conseqüências desastrosas na sua conceituação, pois generalizaria determinados aspectos a toda juventude.

Isto é, a juventude é, nesta corrente, vulgarmente tomada como uma categoria etária, sendo a idade olhada como uma variável tão ou mais influente que as variáveis socioeconômicas e fazendo-se uma correspondência nem sempre ajustada entre uma faixa de idades e um universo de interesses culturais pretensamente comuns. (PAIS, 1990, p. 157).

2. Corrente Classista

Para a corrente classista, a reprodução social é analisada de acordo com a reprodução das classes sociais. Nesta corrente, a juventude é entendida como fase de transição para a vida adulta, modelada por mecanismo de reprodução classista. Os trabalhos desenvolvidos tendo por base a corrente classista criticam o conceito que associa a juventude a uma fase de vida. Pais afirma que, “[...] os trabalhos desenvolvidos na linha desta corrente são, em geral, críticos em relação a qualquer conceito de juventude, já que, mesmo entendida como categoria, acabaria por ser dominada por relações de classes’.” (PAIS, 1990, p. 157).

Ainda de acordo com o autor, na corrente classista as culturas juvenis são entendidas como culturas de classe, ou seja, produtos de relações antagônicas de classe. Por serem entendidas dessa forma, muitas vezes as culturas juvenis são tidas como “culturas de resistência”. Sendo assim, culturas juvenis que não são vistas como “culturas de resistência”, não despertam interesses na corrente

classista. Essa característica de culturas juvenis como sendo de resistência, dá a elas um sentido político.

Uma das dificuldades enfrentadas pela corrente classista é a de explicar o interesse de jovens de classes sociais diferentes a valores semelhantes, como a moda, o esporte, a música, entre outros. Por outro lado o autor aponta que não seria correto determinar a homogeneidade da juventude apenas como classe social, uma vez que também se deve considerar a relação de juventude de uma classe com a de outras classes, o espaço, o tempo e as trajetórias individuais.

3.1 Culturas Juvenis

O conceito de cultura juvenil para as duas correntes explicitadas anteriormente, aparece relacionado ao conceito de cultura dominante. Tanto para a corrente geracional, como para a corrente classista, as culturas juvenis são tidas como “resultados de específicos processos de socialização” (PAIS, 1990, p. 164).

Segundo Pais:

Para corrente <<geracional>>, as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas; para a corrente <<classista>>, as culturas juvenis são uma forma de <<resistência>> à cultura da <<classe dominante>>, quando não mesmo a sua linear expressão. Daqui resulta que, de um modo ou de outro modo, as culturas aparecem subordinadas a uma rede de <<determinismos>> que, estruturalmente, se vinculariam entre <<cultura dominante>> e <<subculturas>> (1990, p. 160).

No sentido mais antropológico, o conceito de cultura juvenil pode ser entendido como, “aquele que faz apelo para específicos modos de vida e práticas quotidianas que expressam certos significados e valores não apenas ao nível de instituições, mas também ao nível da própria vida quotidiana.” (PAIS, 1990, p. 163 e 164).

Este autor afirma que, se entende cultura juvenil em seu sentido amplo, como “sistemas de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomado como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais.” (PAIS, 1990, p. 163), afirmando ainda que “esses valores serão mais ou menos prevaletentes e diferentemente vividos segundo os meios e as trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem”. (PAIS, 1990, p. 163).

Da mesma forma as autoras Zucchetti e Bergamaschi, afirmam que:

Uma cultura juvenil é construída e inscreve-se nos diferentes locais por onde os jovens circulam. A rua, o bairro, a casa, a escola, os lugares de lazer são experiências que se vivem em conjunto, e que, por ser heterogêneas, vão produzindo modos de ser singulares e distintos entre vários universos juvenis. (ZUCCHETTI E BERGAMASCHI, 2007, p. 229)

3.2 Juventude como Problema Social

A juventude tem sido encarada pelo senso comum como problema social, e essa perspectiva, muitas vezes, também é adotada pela sociologia. Pais afirma que, “A própria sociologia participa, por vezes, nesta construção heteronímia ao enfatizar as representações de senso comum que predominam sobre a juventude.” (PAIS, 1990, p. 145) . Segundo o autor, as representações da imagem de juventude são de irresponsáveis e desinteressados. Essa representação se modifica a partir do momento que os jovens adquirem responsabilidades, passando da fase juvenil para a fase adulta.

Segundo Zucchetti e Bergamaschi (2007), as sociedades não têm acompanhado os movimentos da juventude de forma positiva, por isso as características de desordem, conflito e inquietação, são vistas negativamente. Esse olhar para a juventude como detentora de um comportamento desviante é recente. Para melhor se compreender a juventude no presente, se faria necessário conhecer o passado. As pesquisadoras afirmam ainda que, surgiu a concepção de juventude como metáfora, pois essa fase de vida seria o reflexo dos problemas e preocupações enfrentados pela sociedade.

As vulnerabilidades associadas ao preconceito manteriam a idéia de juventude como problema social. Essas vulnerabilidades podem ser as que envolvem os jovens entre si, que seriam as típicas dessa fase de vida; como também podem ser com relação à sociedade desigual, discriminadora e excludente. As mesmas autoras afirmam que:

São as situações de vulnerabilidade associada às afirmativas estereotipadas geradoras de preconceito que vêm contribuindo para a manutenção de um imaginário sobre a juventude como problemática social. No entanto, essas atitudes pouco têm auxiliado na compreensão efetiva das abrangentes questões que envolvem essas fases de vida, especialmente neste momento em que se torna evidente o prolongamento da convivência com o grupo familiar de origem e a crescente dependência familiar dos jovens, quer seja pelas dificuldades de inserção profissional, pelo prolongamento da escolaridade ou por questões de outras naturezas, como o uso de drogas, delinqüência etc. (ZUCCHETTI E BERGAMESCHI, 2007, p. 230).

Em relação ao termo específico de delinqüência juvenil, na corrente geracional ela está relacionada a características próprias de uma fase de vida. “Enfim, para a corrente ‘geracional’, a delinqüência juvenil e muitas outras expressões da cultura juvenil seriam efeito da crise, da anomia, das frustrações e tensões próprias de uma fase de vida caracterizada por uma relativa indeterminação de estatos.” (PAIS, 1990, p. 161).

Por sua vez, para a corrente classista, a delinqüência juvenil seria conseqüência de conflitos de classes. Esse comportamento entendido como resistência, deliberada e consciente, aos valores dominantes. Relacionamento entre classes, marcado por contradições ideológicas.

Segundo Pais (idem), os problemas que são referidos a juventude, entendida aqui como fase de vida, podem e devem ser encarados como construção social. Nessa perspectiva da juventude como problema social, o autor afirma que, o desafio da sociologia se encontraria na desconstrução da representação social e homogênea da juventude, dada pelo senso comum. Essa desconstrução resultaria na juventude como uma construção sociológica.

A abordagem da juventude como problema social a toma como unidade, já que se estaria atribuindo característica de uma parte a toda juventude. Além de reforçar a imagem dessa fase como problemática social. De acordo com Angelina Peralva, em seu artigo, *O Jovem como Modelo Cultural*, publicado pela UNESCO em, *Juventude e Contemporaneidade*, os adultos imporiam aos mais jovens suas normas e valores (processo de socialização), o que definiria a relação entre eles. Assim, a Sociologia da Juventude poderia aparecer como Sociologia do Desvio, acontecendo isso quando a juventude é entendida como resistente a ação socializadora, se desviando das normas e valores anteriormente impostos.

Após o estudo e análise dos trabalhos anteriormente expostos, entendo, que juventude é uma fase de transitoriedade da infância para a vida adulta, construída social, cultural e historicamente, variando de acordo com a sociedade e o tempo em que se verifica. Ao mesmo tempo, como categoria analítica, o conceito juventude igualmente varia, conforme a perspectiva dos autores, a sociabilidade e o tempo histórico nos quais os estudos são realizados.

Juventude seria um dado biológico, porém manipulado e manipulável socialmente. A categoria de juventude não pode ser tomada apenas como unidade, pois ela também é plural e diversa. A homogeneidade desta categoria se deve ao fato de ser formada por indivíduos que pertencem a faixa etária comum, mas que vivem realidades socioeconômicas e culturais diferenciadas, apresentando aqui a sua heterogeneidade. Pode-se então afirmar, que não existe uma juventude, mas sim juventudes.

Pretendo analisar a Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba – AJIT, como uma organização que representa um grupo social que cabe na categoria juvenil homogênea quanto à faixa etária, pensando numa perspectiva biológica, porém o seu aspecto heterogêneo se apresenta quando pensamos a juventude Tapeba num contexto socioeconômico e cultural diferenciado, da sociedade envolvente, que serão expostos mais a frente.

3.3 Rebeldia estudantil

Em “Juventude em crise: (de Sartre a Marcuse)” o autor, Roberto A. Amaral Vieira, afirma que a imagem de juventude revoltada havia sido substituída pela juventude rebelde. A revolta juvenil não estava presente apenas em países subdesenvolvidos, mas se alastrou por vários países europeus e asiáticos.

De acordo com Amaral Vieira, o movimento estudantil, de 1968, “contesta a estrutura e valores da sociedade em que está inserido.”, exercendo função política e possui características de grupo de pressão, e que a marca comum entre os movimentos estudantis é a “ânsia de participação política”.

A análise baseada nas diferenças entre gerações não é o suficiente para explicar a realidade da rebeldia juvenil daquele período, segundo o autor, “a clássica

análise à luz dos desequilíbrios de idade, da luta entre o novo e o velho, não é suficiente para explicar os “tempos modernos”.

A revolta da juventude é dividida pelo autor em três aspectos, sendo eles: a delinqüência, Beatles/hippies e protesto político. A delinqüência seria a fase inicial da revolta juvenil sendo resultado de diversos fatores sociais como, desemprego, crise habitacional, problemas escolares, entre outros. Afirma ainda que seja uma fase inconsciente da juventude. A segunda fase é a marcada pela música de protesto, vestimentas escandalosas, cabelos longos, drogas e vadiagem. E a terceira fase, do protesto político, quando a revolta juvenil assume caráter político.

A revolta adquire aspectos políticos quando se reflete como instrumento de luta dos estudantes. De forma mais ou menos declarada, e às vezes violenta, se batem tenazmente por princípios inaceitáveis pela estruturação social, tais como, a igualdade social e a condenação da sociedade de consumo. Seu caráter torna-se mais agudo e mais sério quando os jovens, que antes se limitavam a condenação moral, investem contra valores da sociedade. (AMARAL VIEIRA, 1970, p. 111 e 112)

Para Sartre o movimento estudantil não seria revolucionário, pois o número de jovens dentro do movimento estudantil era insuficiente para romper com o sistema em que estavam inseridos.

O movimento estudantil só se tornou grave quando atingiu outras camadas da sociedade, recebendo apoio “das parcelas importantes da sociedade e dos operários”. E com a ausência desse apoio o movimento estudantil se esvaziou.

Marcuse admite o anarquismo como elemento presente nos movimentos estudantis francês, alemão e americano. Afirmando ainda que sua revolta era contra as organizações políticas tradicionais. As organizações idealizadas pelo movimento estudantil tinham que ser desligadas das organizações tradicionais.

Para Marcuse, os estudantes não são revolucionários, mas apenas porta-vozes, “constituem uma minoria susceptível de exprimir as aspirações das massas silenciosas”. A rebelião estudantil representava uma rebelião moral, política e sexual e que os estudantes procuravam destruir o sistema no qual estavam inseridos.

Segundo Marcuse a rebelião estudantil representa, ao mesmo tempo, uma rebelião moral, política e sexual, total, cuja origem está no ângulo indivíduo; os jovens procuram destruir o sistema, evitando, desta forma a absorção e uniformização do todo. A rebelião objetiva a viabilização de uma existência governada pelos instintos vitais liberados. Para a liberação, todavia, os

estudantes terão de sacrificar muitos benefícios materiais. E disso tem consciência. (AMARAL VIEIRA, 1970, p. 261)

04 CONHECENDO A AJIT, SEUS CONFLITOS E A PARTICIPAÇÃO DE SEUS MEMBROS NA DEFESA DOS DIREITOS DO POVO TAPEBA

A Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba - AJIT foi idealizada por três jovens membros dessa etnia: Marciane, Naara e João Neto²⁷. A idéia surgiu numa conversa entre eles, durante a Assembléia Indígena do Ceará, realizada no mês de outubro de 2008, em Poranga. A AJIT foi criada a partir da necessidade da juventude, que já participava do movimento indígena, de se organizar e mobilizar na luta pela valorização da identidade, da cultura e continuidade da etnia Tapeba.

Nos dias 9 e 10 de outubro de 2009, um ano após o surgimento da idéia, foi realizada a primeira Assembléia da Juventude Tapeba, por uma iniciativa de Naara, João Neto e Marciane, orientados por Weibe Tapeba. O evento ocorreu na escola Índios Tapeba, na localidade da Lagoa II, com a participação de representantes das dezessete comunidades Tapeba. Nesse encontro, segundo depoimentos colhidos, foram debatidos assuntos referentes à juventude e criada a AJIT. Porém, a ata de criação foi datada em 11 de dezembro do mesmo ano. Isso se deu porque, uma das jovens eleita como membro executivo da associação completaria 18 anos no dia 5 de dezembro, só podendo ocupar algum cargo os membros da organização maiores de 18 anos²⁸. A AJIT foi primeira organização de juventude indígena do Ceará. Depois dela, foi criada a Articulação dos Jovens Indígenas Pitaguary (AJIPI).

A entidade possui um Estatuto (ver anexo A) elaborado com base no Estatuto da Organização da Juventude Indígena Potiguara (OJIP), da Paraíba. De acordo com esse estatuto, a AJIT é pessoa jurídica²⁹, porém na prática não é, pois não foi registrada em cartório.

²⁷ João Neto foi um dos idealizadores da AJIT, mas diferentemente das outras idealizadoras, ele não pôde se candidatar a um cargo da diretoria geral porque é de menor. Para que a entidade seja registrada todos os membros que ocupam os cargos executivos devem ser maiores de idade. Não consegui entrevistá-lo por sua timidez.

²⁸ Cabe aqui uma observação sobre o “modo Tapeba” de solucionar os problemas burocráticos, que nesse caso específico, preferiram esperar por alguns meses para que uma das jovens eleitas membro da diretoria chegasse a maioria para que pudesse assumir a vice-coordenação e assinar a ata de criação.

²⁹ Entidade abstrata, definida como um conjunto de pessoas ou bens, com existência e responsabilidades jurídicas. Fiscalizada e legalmente autorizada pelo Estado Constitucional. O registro da pessoa jurídica é feito por meio do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ, que funciona como uma identidade.

De acordo com o Estatuto, a sede da AJIT é situada na Rua do Trilho, número 4001, no bairro Capuam, município de Caucaia. Porém esse é o endereço da Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio do Trilho, esse endereço foi usado para fazer o registro da entidade, mas ela não possui sede própria.

A AJIT tem como órgãos administrativos a diretoria executiva, o conselho fiscal, o conselho deliberativo e a assembleia geral, além dos associados. A diretoria executiva é formada por Aline Tapeba (coordenadora), Marciane Tapeba (vice-coordenadora), Naara Tapeba (tesoureira) e Adriana Tapeba (secretária). E tem como responsabilidades, administrar a AJIT, representar socialmente a organização e trabalhar com transparência.

O conselho fiscal é composto por cinco membros, sendo três titulares e dois suplentes. É de responsabilidade do conselho, fiscalizar as ações e movimentações realizadas pela AJIT, além de representar socialmente a organização e auxiliar a diretoria executiva nas realizações das assembleias gerais. Tanto os membros da diretoria executiva, como do conselho fiscal são escolhidos através de votação realizada a cada dois anos em assembleia geral. Pode concorrer a um cargo, qualquer membro da AJIT, maior de 18 anos.

O conselho deliberativo é constituído por um membro de cada aldeia, relembro que são dezessete aldeias participantes da entidade, que deverá se reunir com a diretoria executiva e o conselho fiscal a cada quatro meses. É de responsabilidade do conselho deliberativo, socializar nas aldeias as informações obtidas nas reuniões, incentivar aos jovens a aderir o movimento indígena e idealizar propostas.

A assembleia geral é o maior e mais importante órgão, pois compete a ela eleger a diretoria executiva, conselho fiscal e deliberativo, estabelecer diretrizes que norteiam as ações da organização e modificar o estatuto, caso julgue necessário. Ela é composta por todos os membros da AJIT, incluindo os associados.

Segundo o Estatuto, a Assembleia Geral se reunirá anualmente para avaliar ações, planejar e decidir questões de interesses dos membros. E a cada dois anos, para eleger a diretoria executiva, os conselhos fiscal e deliberativo. Podendo ser convocada reunião extraordinária nos casos de alteração do Estatuto, alienação de bens imóveis e gravação de ônus reais sobre os mesmos, e extinção da Associação. Pode também ser convocada por qualquer conselho, ou por um quórum de 2/3 dos seus membros.

As eleições para diretoria executiva, conselho fiscal e deliberativo deverão ser realizadas em assembleia geral e a cada dois anos, por meio do voto secreto. Os cargos administrativos da AJIT não são remunerados, sendo proibido o recebimento de qualquer lucro por parte de seus integrantes.

Ainda conforme o estatuto deverá ser formado uma Comissão Eleitoral para o planejamento, organização, fiscalização e efetivação do processo eletivo. A comissão será formada por membros da AJIT, maiores de 18 anos, que não façam parte da diretoria ou do conselho fiscal em vigor e nem estejam concorrendo a qualquer cargo eletivo.

Em caso de renúncia de algum membro da Diretoria, a Assembleia Geral se reunirá de forma extraordinária para eleger um novo integrante que assumirá o cargo até o final do mandato vigente. Já para a Comissão Fiscal, essa eleição só ocorrerá caso os suplentes também renunciem ao cargo.

Nas entrevistas realizadas com Marciane, Naara e Aline Tapeba, foram apontados como objetivos da AJIT, o de tirar os jovens da ociosidade, assim afastando-os das drogas³⁰ e tudo que elas chamam do que “vem de fora”, devido à proximidade das comunidades com a cidade. Articular e fortalecer o movimento jovem na luta do povo Tapeba, que segundo Marciane, já existia de forma desorganizada, pois os jovens atuavam no movimento sem articularem entre si. Aproximando a juventude da comunidade, para que ela possa aprender, se conscientizar, valorizar, preservar sua cultura, podendo assim representar sua etnia e se defender dos preconceitos. Esse aprendizado sobre a história e a cultura do seu povo é passado pelos mais velhos, que eles chamam de troncos velhos.

Eu sempre digo que a gente tem dois objetivos, o primeiro é trazer o jovem pra dentro da comunidade, pra eles aprenderem a cultura dos mais velhos, porque a cultura é uma questão que sempre se passa de pais pra filhos, e outra é justamente essa de tirar os jovens da ociosidade... (Naara – tesoureira da AJIT)

Aline aponta a ajuda na luta pela demarcação da terra como outro objetivo da AJIT, sendo esta uma das bandeiras de todas as instituições que surgem no movimento Tapeba.

³⁰ O problema com as drogas é apontado pelos índios Tapeba, não somente pelas entrevistadas, como também em relatos de outros índios, como um dos maiores e que mais afetam a juventude desta etnia. Como foi afirmado anteriormente, eles apontam que a maior causa do envolvimento de juventude Tapeba com as drogas é a proximidade com a sociedade não-indígena.

Além de preservar, de ajudar, de ajudar né, na preservação da cultura, é ajudar na luta pela demarcação da terra, que essa é uma das bandeiras que todas as instituições que surgem no movimento Tapeba, elas buscam, que é também lutar pela demarcação da terra Tapeba. Além disso, é também de preservar a cultura, juntos com os jovens, trabalhando nessa conscientização, que é necessária manter a cultura, preservar e também, pensando também nos jovens que tão se afastando. (Aline – coordenadora da AJIT)

Conforme o Estatuto, os objetivos da AJIT são:

- a) Incentivar nos jovens Tapeba o interesse por uma participação ativa e efetiva dentro de seu povo;
- b) Incentivar a prática da cultura Tapeba fazendo com que ela seja lembrada e repassada para as futuras gerações;
- c) Trabalhar juntamente com as lideranças na defesa dos direitos do povo Tapeba;
- d) Elaborar projetos que visem melhorar a vida social, econômica e cultural dos jovens Tapeba, como também buscar parcerias para a realização dos mesmos.

As principais dificuldades da AJIT em cumprir com seus objetivos, apontadas pelas entrevistadas, são as mesmas: o envolvimento de jovens com as drogas, a falta de hábito de alguns em participar das atividades da comunidade, a articulação entre os membros da diretoria executiva e as dezessete comunidades Tapeba, que são distantes geograficamente e com realidades distintas. Devido a extensão da área indígena torna-se difícil alcançar toda a juventude Tapeba, principalmente porque não há um representante da AJIT em todas as comunidades.

A maior dificuldade que eu pessoalmente acho é a articulação. Porque são 17 comunidades e quem tá a frente da AJIT de fato não se debruça pra isso e muitas pessoas se sentem sobrecarregadas e as vezes por se sentirem sobrecarregadas não conseguem exercer seu papel, então a pior dificuldade é articular. Porque são 17 comunidades e são distintas, são com realidades diferentes, distantes geograficamente, então a pior dificuldade é essa. E uma dificuldade também é de quem tá a frente, na comissão executiva, que não consegue é trilhar o caminho certo, às vezes fica parado no meio do caminho e não consegue fazer com que as coisas aconteçam. (Marciane – vice-coordenadora da AJIT)

Das dezessete comunidades Tapeba, apenas oito possuíam um representante na última reunião da entidade. Essa representação formaria o conselho deliberativo, que não foi constituído por não haver representantes de todas as comunidades. Segundo Naara, o interesse de representação das aldeias

nas reuniões tem que partir dos próprios jovens e das lideranças locais, que precisam incentivar e mostrar a importância da participação.

Só que primeiro tem que partir das lideranças das outras comunidades, porque aí a conscientização deles de conversar com os jovens... - olha eu não vou viver para sempre, não pra ficar no lugar, mas pra continuar a luta... (Naara Tapeba, tesoureira da AJIT)

Aline Tapeba aponta como formas de melhorar o trabalho da AJIT, permitindo assim cumprir com seus objetivos, a elaboração de um plano de ação, com atividades que possam ser realizadas com a juventude; ouvir mais os jovens das comunidades, além de fazer trabalhos em parceria com as demais instituições Tapeba. Para Naara, ter representantes da diretoria geral da organização em todas as comunidades tornaria mais fácil o trabalho com os jovens das comunidades mais distantes, podendo cumprir melhor com os seus objetivos. E Marciane afirma que, prioritariamente, seria necessário registrar a AJIT, para a partir daí ela ganhar forças e poder se pensar em ações que auxiliem no cumprimento de seus objetivos.

Acho que teria que ter um plano de ação, sei lá, alguma coisa assim. Pra agente trabalhar junto com as outras instituições, que existe no povo, tá ouvindo os jovens, acho que seria necessário isso. E tá elaborando um plano de ação, uma atividades, algumas coisas que possam ser realizada, ouvindo, claro, os jovens das comunidades. (Aline – coordenadora da AJIT)

Eu acho que tem que ser muito mais trabalhado são os jovens das comunidades mais distantes, porque assim, se a gente tivesse representante de todas as comunidades na diretoria geral da AJIT, seria muito mais fácil, porque aí eu, porque aí eu tô aqui na minha comunidade, eu sei o que é que tá acontecendo, então eu posso conversar com os jovens, apesar da minha pouca idade, eu acho que tenho um pouco mais de experiência do que eles né, e assim, eu posso conversar com eles, eu posso organizar alguma reunião, alguma coisa, e se a gente conseguisse trazer a representação das dezessete comunidades pra dentro da diretoria geral da AJIT, aí a gente conseguiria fazer um bom trabalho, só que primeiro tem que partir das lideranças das outras comunidades, porque aí a conscientização deles de conversar com os jovens... (Naara – tesoureira da AJIT)

Acho que o primeiro papel, primeiro passo é se registrar e a partir daí pensar quais são as necessidades de fato dos jovens, ligados a questão de drogas e outras coisas que a gente necessita e a questão do primeiro emprego, e em algumas a questão da identidade também e tudo. E eu acho que a partir disso pode se pensar quais são as necessidades de fato da juventude e lutar por isso. (Marciane – vice-coordenadora da AJIT)

Aline e Naara apontam em seus discursos que, a grande importância da AJIT para o movimento indígena seria o trabalho com os jovens, de conscientização e valorização da cultura. Para elas, os conhecimentos culturais e o sentimento de luta têm que ser transmitidos aos mais jovens com o objetivo de não deixar a cultura Tapeba morrer e que se crie novas lideranças, não com a intenção de tomar o lugar de quem está à frente do movimento hoje, mas ensinando para que esses jovens possam futuramente continuar com a luta iniciada por eles. Já Marciane acredita que, atualmente, a AJIT não tem uma grande importância para o movimento, pois não existem articulação e atuação da organização.

Marciane afirma ainda que, para ela ter o destaque almejado seria preciso repensar no seu papel, uma vez que, para além da AJIT, existem jovens que estão na luta, que afirmam sua identidade e que contribuem com o movimento. Essas pessoas têm um papel fundamental de articulação e percebem que a juventude é o futuro da luta do povo Tapeba. A exemplo disso, é a grande participação dos jovens nos eventos promovidos pelo movimento indígena e o destaque que alguns deles têm, chegando a ser considerados como lideranças Tapeba, como Weibe Tapeba que se destacou no movimento ainda muito jovem e atualmente é assistente técnico da Coordenação Regional da FUNAI de Fortaleza.

Pra falar a verdade acho que hoje ela não tem tanta importância assim. A AJIT deveria se articular um pouco mais, deveria estar em pauta um pouco mais, mas antes da AJIT existem pessoas que tem uma luta dentro do movimento, que são jovens, que tem uma afirmação de identidade, além da AJIT e que são importantes, que contribuem e gostam de aprender com isso também. A instituição ainda não tem um papel firme mesmo dentro do movimento, eu acho porque ela está indo a passos lentos, eu acho que isso tem que ser um pouco mais pautado. Mas eu acho que quem tá atrás, que são poucas pessoas que tão atrás da AJIT, essas pessoas têm um papel fundamental de se articular e perceber que nós somos o futuro da luta do povo Tapeba. (Marciane – vice-coordenadora da AJIT)

Existem alguns projetos voltados para a juventude, como o *Intercâmbio Cultural*, no qual alguns jovens são selecionados pela AJIT e encaminhados para outras etnias, tanto no Ceará, como fora do Estado, numa tentativa de envolvê-los na causa indígena. A entidade busca contemplar nesse projeto os jovens que não participam do movimento, sendo esta uma tentativa de envolvê-los com a causa indígena. O Intercâmbio Cultural é uma ação do Centro de Defesa e Produção dos Direitos Humanos (CDPDH), financiado por uma ONG francesa, em parceria com a ACITA. Por não ser registrada, a AJIT, não pode estar à frente dessa atividade.

De acordo com as entrevistadas, o registro da AJIT ainda não teria sido feito pela falta de articulação e organização dos membros da diretoria executiva, assumindo a responsabilidade. Pretendiam registrá-la durante a primeira gestão, porém ela chegou ao fim e o registro não foi feito.

Como a AJIT nasceu com um papel muito importante no povo Tapeba, a gente pretende deixar ela registrada até o fim do nosso mandato, que são de dois anos, agora dia 10 (outubro), tá completando dois anos. Até o final do nosso mandato a gente pretende deixar ela registrada, pra que quem pegar ela lá na frente continuar e talvez fazer um trabalho melhor que o nosso. (Aline – coordenadora da AJIT)

Outro projeto seria o *Revitalizando a Flauta no Povo Tapeba*, aprovado pelo Ministério da Cultura. Com ele os jovens aprenderiam tanto a fazer, como a tocar flauta. A verba para a realização desse projeto foi conseguida através do Prêmio Culturas Indígenas³¹, por não haver uma prestação de contas, essa seria a primeira atividade realizada de fato pela organização. Já que para participar de projetos que exijam a prestação de contas, a entidade teria que ser registrada, que não é o caso da AJIT.

O prêmio foi de R\$ 20.000,00. Uma parte da quantia foi destinada para a renovação da palha do Centro Cultural Tapeba, outra foi para a compra de uma câmera filmadora e outra era para essa oficina de flauta. Porém, no dia da realização a oficina não ocorreu. Isso deu por não terem encontrado, em sua residência, a pessoa que iria ministrar a oficina. Atualmente eles pensam em repassar essa verba para a realização da Assembleia dos Jovens Tapeba³², em 2012, onde uma das pautas de discussões

³¹ O Ministério da Cultura através da Secretária da Identidade e Identidade Culturas (SID/Minc). Cada projeto selecionado recebe 20.000,00 para ser investido "em ações que contribuam para a preservação das tradições e das identidades culturais indígenas.". O Prêmio Culturas Indígenas tem por objetivo estimular as iniciativas de fortalecimento das culturas dos povos indígenas e incetivar a elaboração e realização de projetos culturais, elaborados e realizados pelos próprios povos indígenas. O edital foi realizado por três vezes, patrocinados pela Petrobrás. Os Tapeba foram contemplados em 2010, na Edição Marçal Tupã-y. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/12/16/premio-culturas-indigenas-3/>>. Acesso em: 04/06/2012.

³² A Assembleia dos Jovens Indígenas Tapeba, organizada pela AJIT, realizada no dia 3 de março de 2012, na Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio do Trilho, na comunidade do Trilho. Na assembleia foi realizada uma mesa-redonda com representantes da APOINME, ACITA, APROINT, AINTACE, CESIT e o representante indígena do Conselho Distrital de Saúde. Depois houve uma segunda mesa-redonda com os representantes da AJIT. O objetivo dessas mesas era de explicar o papel de cada entidade no movimento indígena. Posteriormente, jovens representantes da Articulação da Juventude Pitaguary e da juventude Jenipapo-Kanindé, que não são organizados em entidade, foram compartilhar suas experiências como jovens dentro do movimento. Vale a pena ressaltar aqui, que os participantes Tapeba eram na maioria crianças e adolescentes. A participação dos jovens foi pouco representativa, apesar do evento ter sido bem divulgada entre as comunidades e redes sociais da internet. Nessa oportunidade seria realizada a eleição para a escolha da nova gestão da diretoria executiva, mas não havia jovens o suficiente para a votação e nem para candidatos aos cargos. Por unanimidade dos que estavam presentes, a diretoria geral ficará a cargo dos mesmos membros. A principal pauta de discussão da assembleia foi a importância e

será, segundo Marciane, a necessidade e importância da existência da AJIT, esse sendo um questionamento feito por ela.

Os direitos dos membros da AJIT, expressos no Estatuto são:

- a) Argumentar, votar e ser votado;
- b) Ser informado de qualquer evento ou movimento envolvendo a AJIT, com antecedência mínima de quinze dias,
- c) Ser informado de todo benefício conseguido pela organização
- d) Usufruir dos projetos conseguidos através da AJIT;
- e) Concorrer a vagas em todos os conselhos existentes na Terra Indígena Tapeba.

E são deveres dos membros:

- a) Respeitar as decisões tomadas pela assembleia (plenária);
- b) Informar aos dirigentes da organização sobre qualquer ação que venha a desrespeitar o nome da AJIT;
- c) Participar de todas as Assembleias Gerais;
- d) Representar socialmente a AJIT.

Ainda segundo o Estatuto, nenhum vínculo político partidário, fazendo uso da Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba, será permitido. O número de membros permitidos na organização é ilimitado.

Naara Tapeba, em sua entrevista, afirma que ser jovem é estar nessa faixa etária, mas que ser jovem Tapeba é estar na causa e aprender com os troncos velhos, para que um dia possam continuar com a luta que eles começaram. Não seria só se afirmar como índio, mas se afirmar como índio Tapeba. Para Aline, ser jovem é gostar de participar e lutar pelo que acredita e pelo que quer, é participar e se envolver em todos os assuntos que sejam do seu interesse.

E ser jovem Tapeba é ter a responsabilidade de preservar a cultura passada pelos mais velhos. Marciane acredita que ser jovem é um desafio, principalmente ser Tapeba, pois seria preciso estar integrado ao movimento indígena e saber mediar entre identidade e tecnologia³³, usá-la como ferramenta de divulgação da realidade e cultura do seu povo.

permanência da AJIT, assunto que foi debatido e que chegaram a conclusão de que é importante a manutenção da entidade. Faz-se necessário salientar que foi destacado, por alguns índios presentes, que o importante antes do registro da AJIT é a organização da base da entidade.

³³ A tecnologia tem sido uma ferramenta bastante utilizada pelos Tapeba para a divulgação e fortalecimento da cultura do povo Tapeba. Podem ser citados como exemplos os vídeos feitos pelos

Ser jovem Tapeba hoje em dia tá difícil, tem a questão da cultura né, que tem que manter e geralmente as lideranças mais velhas já passam essa responsabilidade pra gente, mais jovens. Dizem que o futuro dos Tapeba tá na mão das crianças e dos jovens e que tentar preservar o máximo que for possível né, do que ainda existe da nossa cultura. (Aline – coordenadora da AJIT)

Apesar do estatuto e ata de criação elaborada, a AJIT, como já foi dito anteriormente, não está regulamentada e nem funciona de fato. Não possui um calendário de atividades e nem reuniões definidas, não está à frente e não elabora projetos voltados para a juventude Tapeba, pois, para a participação em editais é necessário ser pessoa jurídica para fazer as prestações de conta com as instituições financiadoras.

Mesmo com esses problemas da AJIT, a juventude Tapeba é ativa no movimento; participando de todos os eventos, manifestações indígenas e de outras que não são voltadas especificamente para a questão indígena, mas são importantes para alcançar seus direitos e políticas públicas para os Tapeba, como por exemplo, a participação de membros da diretoria geral da AJIT em conferências de juventude a nível municipal, estadual e nacional, que será exposta no próximo capítulo. Mesmo com a falta de organização e atuação da AJIT, ela é importante, pois representa a juventude e que futuramente, com a organização almejada pela diretoria, a AJIT poderá elaborar projetos e trabalhar com a juventude, alcançado seus objetivos.

05 ANALISANDO A AJIT E A JUVENTUDE TAPEBA

Apresenta-se evidente o descompasso entre os membros que compõem os órgãos administrativos que estavam definidos na AJIT, como a diretoria geral e o conselho fiscal, já que o deliberativo não existe na prática, pois não foi constituído, como foi afirmado anteriormente. Dentro da diretoria geral, pude perceber que há uma falta de articulação. Não se articulam nem mesmo para regularizar a situação burocrática da organização, processo que pode ser feito em qualquer cartório da cidade. Mostrando ser necessário, primeiramente, que a base que forma a AJIT se organize, para depois pensar em regularização, calendário de atividades e projetos.

Entre seus membros é perceptível uma apatia com relação à própria AJIT. Em relatos feitos durante entrevistas, o discurso da falta de tempo era comum a todos, pois a maioria da diretoria geral trabalha nas escolas indígenas Tapeba e dá aulas o dia inteiro. Apenas uma jovem não é funcionária escolar, mas também relatou sobre a mesma falta de tempo dos demais.

A preocupação com a regulamentação da AJIT se mostrou coletiva. Nas entrevistas foi relatada a intenção de se resolver essa situação até o final do mandato da gestão, que foi a primeira após a fundação. Contudo a gestão chegou ao final e nada foi resolvido, o que dificultou as atividades, segundo a diretoria, ficando impossível pensar em ações para a juventude quando não há uma organização legalizada.

Essa falta de um calendário de atividades e reuniões próprias e regulares impede a participação dos demais jovens Tapeba na AJIT, pois eles não encontram oportunidades de se envolverem na entidade. Havendo muitas vezes a falta de interesse desses jovens pela AJIT, ou até mesmo o desconhecimento de sua existência. Essa falta de participação da juventude na entidade causa a apatia dos membros dos órgãos administrativos, que não se sentem motivados em continuar com a AJIT.

Essas dificuldades que aponto também são percebidas pelos membros da diretoria geral, tanto que uma das jovens levantou o questionamento da importância da organização e se a sua manutenção é realmente necessária, afirmando que essas interrogações serão pautas para a próxima assembleia da juventude Tapeba.

Acredito que, como afirmei acima, a principal causa do não funcionamento da AJIT é a falta de organização, articulação e mobilização entre os membros dos órgãos administrativos, que são a base da entidade. Somente a partir de um entendimento entre eles é que a AJIT pode se firmar, e assim pensar em regulamentação, atividades, reuniões, elaboração de projetos e participação em editais que possam fortalecer a participação da juventude tanto na AJIT, quanto no movimento Tapeba e aproximar os jovens que estão afastados da causa indígena.

Apesar dessas barreiras de funcionamento da AJIT, os jovens Tapeba têm participado do movimento indígena ativamente. Estão envolvidos em outras entidades, nas assembleias indígenas, nos protestos e atividades das comunidades. Alguns se destacam como novas lideranças e são reconhecidos como tais. Eles são vistos como o futuro do movimento e tem a consciência disso, procurando aprender com os troncos velhos sobre a história e os motivos que impulsionaram e impulsionam a luta indígena Tapeba, como a busca pelos direitos básicos, educação, saúde e terra.

Esse engajamento da juventude Tapeba contraria a noção de juventude, entendida somente como fase de vida, encarada pelo senso comum e algumas vezes pela sociologia, conforme exposto por Machado Pais, na qual essa categoria social era considerada como apolítica e como problema social. Igualmente para estas representações, a juventude seria irresponsável e desinteressada.

Essa ideia de juventude identificada como problema social, seria uma generalização, pois atribui uma característica específica, que representaria apenas uma parte dela, a toda juventude. Tomando-a como unidade social e não como juventude plural, formada por diversos e diferentes grupos juvenis, com características distintas. Como já foi afirmado no capítulo anterior, o desafio da Sociologia da Juventude seria de desconstruir essa representação social e homogenia, e estudar as diferenças existentes entre os jovens.

Em entrevista, as jovens Tapeba destacam a importância que os mais velhos dão a juventude, no sentido de que os jovens são considerados como futuro do povo. Não negam que houve um período em que dentro da etnia eles eram vistos como problema e desinteressados, mas que atualmente esse fato não acontece. Agora, os jovens são motivados a participarem e alguns são vistos como novas lideranças, não só pelos membros das comunidades indígenas, mas pelos não-índios que atuam no campo indigenista. Mas esses jovens que se destacavam

dentro do movimento foram visto algumas vezes como ameaça às lideranças, alguns afirmavam que eles estavam querendo ocupar o posto de lideranças.

Observei, em vários eventos e nas atividades Tapeba que tive oportunidade de acompanhar, que a presença dos jovens e a participação são bastante forte, como no caso das assembleias indígenas, a presença da juventude é bastante representativa, presente nas discussões, nas rodas de Toré e em outras atividades, mas não se pode negar que alguns, mesmo presentes no evento, ficam muito dispersos, envolvidos em outras atividades e conversas paralelas que não tem relação com aquele momento.

Ser jovem Tapeba hoje em dia tá difícil, tem a questão da cultura né, que tem que manter e geralmente as lideranças mais velhas já passam essa responsabilidade pra gente, mais jovens. Dizem que o futuro dos Tapeba tá na mão das crianças e dos jovens e que tentar preservar o máximo que for possível né, do que ainda existe da nossa cultura. (Aline – coordenadora da AJIT)

Apesar da AJIT não funcionar como entidade, alguns dos membros da diretoria executiva participam individualmente de eventos relacionados à juventude, cumprindo individualmente seu papel político como representantes da organização. No ano de 2011 estes membros participaram da I Conferência Municipal de Juventude, dia 07 de outubro, na Igreja dos Mórmons, em Caucaia. Da II Conferência Estadual de Juventude foi do dia 04 a 06 de novembro de 2011, realizada no Hotel Vila Galé, em Fortaleza. E por fim, da II Conferência Nacional de Juventude, que aconteceu entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2011, em Brasília.

A coordenadora da AJIT, Aline Tapeba, faz parte do Conselho Municipal de Juventude, como representante da organização. E foi a partir de um convite dela, que Marciane, vice-coordenadora da entidade, participou da conferência municipal. A partir de uma eleição feita nessa conferência, Marciane foi delegada para a estadual. Posteriormente participou da conferência nacional, como única representante indígena do estado, mas sua participação deve-se a esforços próprios. Ao tomar conhecimento da conferência buscou meios junto a FUNAI, que pudesse viabilizar sua ida à Brasília. Nessa conferência ela conheceu o presidente do Conselho Estadual de Juventude - CONJUCE, que a convidou para fazer parte da entidade, pois, de acordo com ela, ele percebeu da necessidade de investir mais no povo Tapeba.

De acordo com Marciane, ela foi a única representante indígena do Ceará a participar da II Conferência Nacional de Juventude, mas outros grupos de jovens cearenses foram representados nessa oportunidade, como os jovens do Movimento Sem Terra – MST, jovens pertencentes a partidos políticos, entre outros.

Como exposto anteriormente, nessas conferências e conselhos, as jovens Tapeba se apresentaram como representantes da AJIT, mas Marciane afirma que essa representação pode se tornar constrangedora, por ela não funcionar como foi previsto e anunciado no Estatuto.

Nas conferências uma das pautas de discussões foram as políticas públicas para a juventude. A representação da juventude indígena nestes fóruns faz-se importante para que ela possa defender políticas públicas que abranjam esse grupo de jovens, tanto no âmbito nacional, estadual, como no municipal. Quando questionada sobre o retorno quanto as participações nessas conferências, ela enfatiza mais uma vez a falta de articulação entre os membros da AJIT, o seu não funcionamento e o registro formal, que dificulta a contemplação da juventude Tapeba.

Apesar desses limites enfrentados pela AJIT e pelos seus membros, os jovens estão participando ativamente do movimento indígena, não só Tapeba, mas a nível municipal, estadual e nacional, não necessariamente tendo uma entidade representante da juventude, mas buscando essa participação de forma individual, sempre representando sua etnia.

Recapitulando o que foi exposto no segundo capítulo, quando apresento as teorias que envolvem o conceito de juventude, afirmo, baseada no trabalho de Machado Pais, que a Sociologia da Juventude oscila entre duas tendências. A primeira, que a juventude seria entendida como um conjunto social de indivíduos que pertencem à mesma fase de vida, em termos etários, com características uniformes e homogêneas. Para segunda tendência, a juventude seria encarada como conjunto social diversificado, formado por jovens de diferentes realidades socioeconômicas e culturais.

Para Machado Pais, a juventude deveria ser percebida em torno desses dois eixos semânticos, o de aparente unidade social e o de conjunto social diversificado. Não existe um conceito único de juventude que abrange esses dois eixos, estes sendo agrupados em duas correntes sociológicas, já explicitadas no capítulo anterior: corrente geracional e corrente classista.

Na corrente geracional a juventude seria um conjunto social formado por indivíduos pertencentes à mesma fase de vida, em termos etários. Destacando-se o caráter de unidade social, no qual os jovens compartilham o mesmo sentimento de pertença a um grupo que se distingue dos demais, de outras gerações, principalmente a adulta. Essas diferenças são não só etárias, mas também social e cultural. Nessa corrente, a reprodução social seria baseada nas relações intergeracionais, podendo ser problemática ou aproblemática. Quando essa relação se caracteriza como aproblemática há trocas positivas entre membros de diferentes gerações, como nos Tapeba. Segundo as entrevistadas, a importância do contato da juventude, indivíduos de uma mesma faixa etária, com as gerações mais velhas, que eles chamam de troncos velhos, está na transmissão de conhecimentos históricos e culturais, fato essencial para a manutenção da cultura indígena Tapeba. Essa mesma relação também pode apresentar característica de uma relação problemática.

A característica problemática foi percebida quando uma das entrevistadas, além de estar presente em discursos de outros Tapeba, destaca a desconfiança de algumas lideranças mais velhas com relação à participação e o destaque de alguns jovens no movimento Tapeba, surgindo assim novas lideranças. No entendimento das lideranças tradicionais, essas novas lideranças são vistas como ameaça, pois os jovens líderes estariam tomando seus lugares no movimento.

Ainda analisando a juventude Tapeba com base na corrente geracional, penso que a criação da AJIT, representa o sentimento compartilhado pelos indivíduos desse grupo social como pertencentes à mesma geração e que se identificam como tal, experimentando circunstâncias e problemas que se assemelham. Eles perceberam a importância de se ter uma entidade que os representasse de forma particular.

Para a corrente classista a juventude é entendida como conjunto social diversificado, formado por indivíduos de diferentes situações sociais, moldada por mecanismos classistas e na qual as culturas juvenis são entendidas como culturas de classe, por tanto, produtos de relações antagônicas de classe. Tomando como base de análise a corrente classista, a juventude indígena Tapeba se distingue das outras juventudes por pertencerem a uma classe social determinada. Além de que, há diferenças que são percebidas quando pensadas no sentimento de

pertencimento a um grupo étnico, possuindo uma realidade socioeconômica e cultural distinta e que está em constante “luta” por seus direitos diferenciados.

A organização de uma entidade indígena própria reforça a idéia de juventude diferenciada, formando uma cultura juvenil que a distingue de outras culturas juvenis existentes. Com característica de resistência, no sentido político, formando um grupo social de indivíduos da mesma classe social (étnica) que compartilham suas experiências.

Como afirma a antropóloga Isabelle Braz (2005) em seu artigo, *Política e Cultura no movimento indígena: um relato impressionista sobre a VI Assembléia Indígena no Ceará*, a juventude assume um papel importante dentro do movimento indígena, sendo uma interlocutora entre os mais velhos e “o domínio das novas tecnologias, recursos, conhecimentos e habilidades”. Usando seu potencial em favor da causa indígena, transcendendo as categorias de juventude. Destaca ainda que não se pode ignorar as críticas feitas aos jovens pelo seu “afoitamento” e discordância com os mais velhos, aparecendo os conflitos geracionais. Mas destaca que “ao mesmo tempo em que eles prestam um grande serviço aos seus povos, eles também estão tendo a oportunidade de se constituírem enquanto cidadãos, efetivamente participativos e influentes em seu mundo”.

Concluo nesse capítulo que a AJIT representa um conjunto social formados por indivíduos que estão em fase de transitoriedade da infância para a vida adulta, uma juventude que cabe na categoria homogênea quanto à faixa etária, num contexto biológico. Mas seu caráter de heterogeneidade se apresenta quando pensamos juventude Tapeba no seu contexto socioeconômico e cultural que pode ser tido como representante de uma cultura juvenil diferenciada, pois estão envolvidos numa “luta” por direitos básicos diferenciados, como educação, saúde e terra, esses garantidos por lei. Fazem parte de uma etnia indígena, detentores de uma cultura e história marcada por lutas, anonimato de sua identidade e direitos restritos, por questão de sobrevivência, mas que atualmente buscam a afirmação de sua identidade, que não foi perdida. Mostrando, por tanto, que a juventude é um dado biológico, manipulado e manipulável socialmente (Bourdieu, 1983), não devendo ser encarada como unidade social, pois ela é plural e diversificada, não existindo uma juventude, mas sim, juventudes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao ressurgimento Tapeba, pode-se perceber a importância do trabalho de algumas instituições e ONGs para o fortalecimento da etnia. Foi através dessa interferência, que inicialmente tinha o caráter assistencialista, que foi possível a criação de organizações próprias do movimento que receberam e ainda hoje recebem apoios dessas entidades, mas são incentivados às práticas associativas, autônomas.

A criação das organizações políticas Tapeba valoriza os laços coletivos, fortalecendo o movimento indígena local, pois este estando organizado tem maior capacidade de buscar meios para lutar e alcançar os direitos diferenciados e reafirmação étnica que almejam. Estas organizações, dentro do próprio movimento representam categorias diferentes dentro da etnia, mas a maior importância está no coletivo, pois este aciona elementos que representam a causa indígena.

A categoria de juventude, baseada nos estudos expostos no capítulo II, é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. É um dado biológico, mas construído social, cultural e historicamente, não podendo ser tomada apenas como unidade, pois é uma categoria homogênea quanto a faixa etária, mas a heterogeneidade aparece quando pensada nas realidades socioeconômicas e culturais diferenciadas. Além de que se deve pensar nas características e experiências pessoais dos indivíduos pertencentes a essa categoria. Assim, não podemos definir a existência de uma juventude, mas sim juventudes, pois ela é plural e diversa.

A AJIT foi criada com o objetivo de representar os jovens Tapeba que participavam do movimento indígena e que perceberam a necessidade de organizarem-se e mobilizarem-se. Com esse intuito idealizaram a organização, criaram-na, elaboraram a ata de sua criação e o estatuto, porém não a registraram. Por meio das entrevistas e de observação da situação foi possível perceber que a AJIT não funciona de fato, não possui um programa de atividades determinado, nem um calendário fixo de reuniões, por tanto, não realizam reuniões regulares, nem eventos.

Por não ser regulamentada não pode participar de editais e não tem acesso a nenhum tipo de recurso financeiro, dificultando a realizações de atividades voltadas para a juventude Tapeba. A não regulamentação e a falta de um calendário

fixo de reuniões se devem a falta de organização, disponibilidade, atuação e articulação entre os membros da diretoria geral e os demais associados. No entanto não existe uma lista de associados, a AJIT não tem esse controle e nem noção de quem são os membros da entidade.

Apesar da dificuldade de organização e da falta de atuação da AJIT, que seria a entidade representante da juventude Tapeba no movimento indígena, os jovens não deixam de participar e atuar no grupo. São presenças constantes e fortes nos eventos promovidos e realizados pelo movimento, não só Tapeba, mas a nível municipal, estadual e nacional. O fato de não terem ainda consolidado uma organização política, especificamente voltada para a juventude, não os tornam apolíticos.

Independente da AJIT, os jovens Tapeba estão dentro da categoria social de juventude, pois fazem parte desta unidade social, quanto à faixa etária, mas não podem ser limitados a uma única categoria de juventude homogênea, pois se diferenciam de outros grupos juvenis, na medida em que fazem parte e vivem em uma realidade socioeconômica e cultural diferenciada. Buscam a reafirmação étnica do seu povo, lutam por direitos básicos e diferenciados como a educação, saúde e terra. Por sua condição indígena, a etnia Tapeba enfrenta dificuldades de acesso a essas condições básicas de sobrevivência. A juventude faz parte e atua nessa luta.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza e FERREIRA JR., Edísio (Orgs.). **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005.

AUGUSTIN, Débora *et al.* Desnaturalizando o conceito de Juventude. Disponível em: < <http://www6.ufrgs.br/~e-psico/subjetivacao/tempo/juventude-texto.html> > último acesso: 07. mai. 2012.

BARRETO FILHO, Henyo T. **Tapebas, Tapebanos e Pernas-de-Pau de Caucaia, Ceará**: da etnogênese como processo social e luta simbólica. Brasília: Resumo da Dissertação de Mestrado/ Museu Nacional, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A “Juventude” é apenas uma palavra! **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

BRITTO, Sulamita (org.). **Sociologia da Juventude**: para uma sociologia diferencial. Rio de Janeiro: Zahar, vol. 2, 1968.

DANTAS, Gina de Oliveira. **“Eu existo, eu sou índio”**: o toré como elemento étnico-político dos Tapeba. Fortaleza: Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia e GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. **Revisitando as Origens do Termo Juventude**: a diversidade que caracteriza a identidade. Disponível em < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf> >. Último acesso: 06. maio. 2012.

MINAYO, M. C. de. et al. **Fala Galera**: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, UNESCO, 1999.

OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A viagem da volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural do Nordeste Indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

PAIS, José Machado. **A Construção Sociológica da Juventude**: alguns atributos. *Análise Social*, vol. XXV, n. 105-106, 1990, p. 139-165. Disponível em <<http://jmp.home.sapo.pt/artigos.html>> Último acesso: 06. maio. 2012.

PERALVA, Angelina. O Jovem como Modelo Cultural. *In*: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília; CARRANO, Paulo e NOVAES, Regina Reys (orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, vol. 16, p. 13 – 27, 2007. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154569por.pdf>> Último acesso em 10. Mai. 2012.

SCHIMDT, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: memória coletiva e experiência*. São Paulo, SP: Instituto de Psicologia – USP, p. 285 – 298, 1993.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de Índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. O Relatório Provincial de 1863 e a expropriação das terras indígenas. *In*: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A presença indígena no Nordeste**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Contra-capa, 2011.

TÓFOLI, Ana Lúcia de. **As retomadas de terras na dinâmica territorial do povo indígena Tapeba: Mobilização étnica e apropriação espacial**. Fortaleza: Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

UNESCO. **Políticas Públicas de/ para/ com Juventudes**. Brasília: UNESCO, 2005.

VERAS DE SALES, Celeciana Maria. **Criações Coletivas da Juventude no Campo Político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

VIEIRA, Roberto A. Amaral. **Juventude em crise: (De Sartre a Marcuse)**. Rio de Janeiro: Bit Editora, 1970.

ZUCCHETTI, Dinorá Tereza e BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Construções Sociais da Infância e da Juventude**. Cadernos de Educação. Pelotas, n.28, p. 213-234, janeiro/junho. 2007.

ANEXOS

Anexo A – ESTATUTO DA ARTICULAÇÃO DOS JOVENS INDÍGENAS TAPEBA

CAPÍTULO I – DA DENOMINAÇÃO E DOS OBJETIVOS

Art. 1º A Articulação dos Jovens Indígenas Tapeba - AJIT, foi criada por causa da necessidade de mobilização e organização da juventude indígena Tapeba na luta pela valorização da identidade, da cultura e continuidade desta etnia. É pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, de tempo indeterminado que abrange 17 aldeias do território indígena Tapeba com sede e foro no município de Caucaia, sendo situada a Rua do Trilho, 4001, Capuam, Caucaia CEP 61.615-070, e regida por este estatuto e pela legislação em vigor.

Art. 2º Os objetivos da AJIT são:

- a) Incentivar nos jovens Tapeba o interesse por uma participação ativa e efetiva dentro de seu povo;
- b) Incentivar a prática da cultura Tapeba fazendo com que ela seja lembrada e repassada para as futuras gerações;
- c) Trabalhar juntamente com as lideranças na defesa dos direitos do povo Tapeba.
- d) Elaborar projetos que visem melhorar a vida social, econômica e cultural dos jovens Tapeba, como também buscar parcerias para a realização dos mesmos.

CAPÍTULO II – DOS BENS DA ORGANIZAÇÃO E PARCERIAS A SEREM FIRMADAS

Art. 3º Os bens da AJIT serão obtidos através de:

- a) Contribuição dos membros;
- b) Doações;
- c) Eventos realizados pela organização;
- d) Projetos conseguidos através de parcerias;
- e) Venda de material produzido pela organização ou a ela doado como fonte de recurso financeiro.

Parágrafo único. Todo o rendimento da Articulação de Jovens Indígenas Tapeba somente poderá ser aplicado para a manutenção de seus objetivos.

Art. 4° Os Convênios poderão ser firmados com organizações indígenas e indigenistas, com entidades públicas e privadas a nível local, regional, nacional e internacional.

CAPÍTULO III PARA SER MEMBRO DA AJIT O JOVEM DEVERÁ:

- a) Ser reconhecido pelo Povo Tapeba como pertencente a ele;
- b) Estar na faixa etária entre 12 e 29 anos;
- c) Ser comprometido com a causa Tapeba e estar disposto a colaborar com os objetivos da organização.

§ 1° - O número de membros que constituíram a AJIT é ilimitado;

§ 2° - Os membros que desrespeitarem as normas da organização serão desligados após duas advertências.

Art. 5° Nenhum vínculo político partidário dos membros utilizando o nome da organização será permitido e, caso isso aconteça, a Assembléia Geral será convocada para tomar uma decisão sobre a situação.

Art. 6° Dos direitos dos membros:

- a) Argumentar, votar e ser votado.
- b) Ser informado de qualquer evento ou movimento envolvendo a AJIT, com antecedência mínima de quinze (15) dias;
- c) Ser informado de todo benefício conseguido pela organização;
- d) Usufruir dos projetos conseguidos através da AJIT;
- e) Concorrer a vagas em todos os conselhos existente na Terra Indígena Tapeba.

Art. 7° Deveres dos membros:

- a) Respeitar as decisões tomadas pela assembléia (plenária)
- b) Informar aos dirigentes da organização sobre qualquer ação que venha a desrespeitar o nome da AJIT
- c) Participar de todas as Assembléias Gerais;
- d) Representar socialmente a AJIT.

CAPÍTULO IV – DO CORPO ADMINISTRATIVO:

Art. 8° A AJIT tem como órgãos administrativos:

- a) Diretoria Executiva
- b) Conselho Fiscal
- c) Assembléia Geral
- d) Conselho Deliberativo

Art. 9º A diretoria executiva conduzirá a AJIT e será representado por quatro membros, sendo escolhidos entre as Aldeias Indígenas Tapeba.

Art. 10º A Diretoria Executiva será constituída por:

- a) Coordenador geral;
- b) Vice-coordenador;
- c) Secretário
- d) Tesoureiro;

Art. 11 É responsabilidade da diretoria executiva:

- a) Administrar a organização;
- b) Representar socialmente a AJIT juntamente com o conselho fiscal;
- c) Trabalhar com transparência em benefício da organização;

Art. 12 Compete ao coordenador(a) geral:

- a) Representar a organização e trabalhar em busca do melhor para os membros e para os Tapeba em geral;
- b) Organizar juntamente com o conselho fiscal todos os eventos e movimentos que a AJIT venha a realizar;
- c) Presidir as assembléias gerais;
- d) Assinar quaisquer documentos relativos às operações ativas da Articulação.

Art. 13 Compete ao secretário(a) registrar e lavrar as atas das reuniões, informar aos membros sobre as reuniões, através de convites ou de quaisquer outras formas.

Art. 14 Compete ao (à) tesoureiro (a):

- a) apresentar relatórios de receitas e despesas, sempre que forem solicitadas;
- b) apresentar semestralmente o balancete de receitas e despesas ao Conselho Fiscal;
- c) publicar anualmente a demonstração das receitas e despesas realizadas no exercício;
- d) conservar sob sua guarda e responsabilidade, todos os documentos relativos à tesouraria;

e) assinar, em conjunto com o Presidente, todos os cheques emitidos pela Articulação.

Art. 15° Compete aos demais coordenadores colaborar e se responsabilizar para o pleno funcionamento da AJIT.

Art. 16 O Conselho fiscal é composto por cinco membros, sendo 3 titulares e suplentes.

Parágrafo único – Os membros desse conselho serão escolhidos em votação realizada pelos membros da assembléia geral.

Art. 17 É responsabilidade do conselho fiscal:

- a) Fiscalizar as ações e movimentações financeiras realizadas pela AJIT;
- b) Representar socialmente a organização;
- c) Colaborar com a diretoria executiva para as realizações das assembléias gerais.

Art. 18 O conselho deliberativo será constituído por um membro de cada aldeia e se reunirá a cada quatro meses juntamente com a diretoria executiva e o conselho fiscal. Compete ao conselho deliberativo:

- a) Socializar na sua aldeia as informações obtidas nas reuniões;
- b) Incentivar os jovens a aderir ao movimento Indígena.
- c) Idealizar propostas para enriquecer o trabalho da organização.

Art. 19 A Assembleia geral é o órgão de maior poder da AJIT, pois por ela passarão todas as decisões a serem tomadas. Participam dela todos os membros, tendo eles direito de argumentar, de votar e de ser votado.

Art 20 Compete a assembléia geral:

- a) Eleger a diretoria executiva, conselho fiscal e conselho deliberativo;
- b) Estabelecer diretrizes que norteiem as ações da AJIT;
- c) Modificar o estatuto caso acredite ser necessário.

Parágrafo Único: as decisões da assembléia geral serão respeitadas, sendo ela convocada em regime ordinário ou extraordinário.

Art. 21 A Assembléia geral se reunirá:

- a) Anualmente, para avaliar as ações idealizadas, para planejar as metas a serem realizadas e para decidir sobre questões de interesses de seus membros;

- b) A cada dois anos para eleger a diretoria, o conselho fiscal e o conselho deliberativo;
- c) Em casos extraordinários, quando houver necessidade, podendo ser convocada por qualquer um dos conselhos ou por 2/3 dos seus membros.

CAPÍTULO V – DAS ELEIÇÕES

Art. 23 As eleições para a Diretoria e Conselho Fiscal serão realizadas a cada dois anos, podendo concorrer aos cargos qualquer membro da AJIT maior de 18 anos, sendo permitida uma única reeleição para igual período.

Art. 24 A eleição será realizada por meio de votação secreta, sendo eleitos os candidatos que obtiverem o maior número de votos.

Art. 25 As aldeias serão comunicadas acerca das eleições da AJIPT por meio de edital, com antecedência mínima de 30 dias.

Parágrafo único - As inscrições dos candidatos aos cargos eletivos deverão ocorrer até 15 dias antes da data marcada para o início do processo eletivo.

Art. 26 Será constituída Comissão Eleitoral para planejamento, organização, fiscalização e efetivação do processo eletivo.

§ 1º No edital de convocação deverá constar a data da reunião com os interessados em compor a Comissão Eleitoral, que deverá ocorrer entre 03 (três) e 07 (sete) dias após a publicação do edital;

§ 2º A Comissão Eleitoral será composta por membros da AJIT, maiores de 18 anos, que não integrem a Diretoria ou Conselho Fiscal do mandato em vigor, bem como não estejam inscritos como candidatos a qualquer dos cargos eletivos do processo em questão.

Art. 27 Ocorrendo renúncia entre quaisquer dos integrantes da Diretoria, a Assembléia Geral se reunirá extraordinariamente no prazo máximo de 30 (trinta)

dias após a vacância para eleger um novo integrante que ocupará o cargo até o fim do mandato vigente.

Parágrafo único - Somente quando já houver ocorrido substituição de membro titular do Conselho Fiscal por suplente, e este último também renunciar ao cargo, será eleito novo membro titular com respectivo suplente.

CAPÍTULO VI - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 28 Os sócios e dirigentes da AJIT, não respondem solidária nem subsidiariamente pelas obrigações da Entidade.

Art. 29 Os cargos dos órgãos de administração da Articulação não são remunerados, seja a que título for, ficando expressamente vedado por parte de seus integrantes o recebimento de qualquer lucro, gratificação, bonificação ou vantagem.

Art. 30 Os funcionários que forem admitidos para prestarem serviços profissionais à Associação serão regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas.

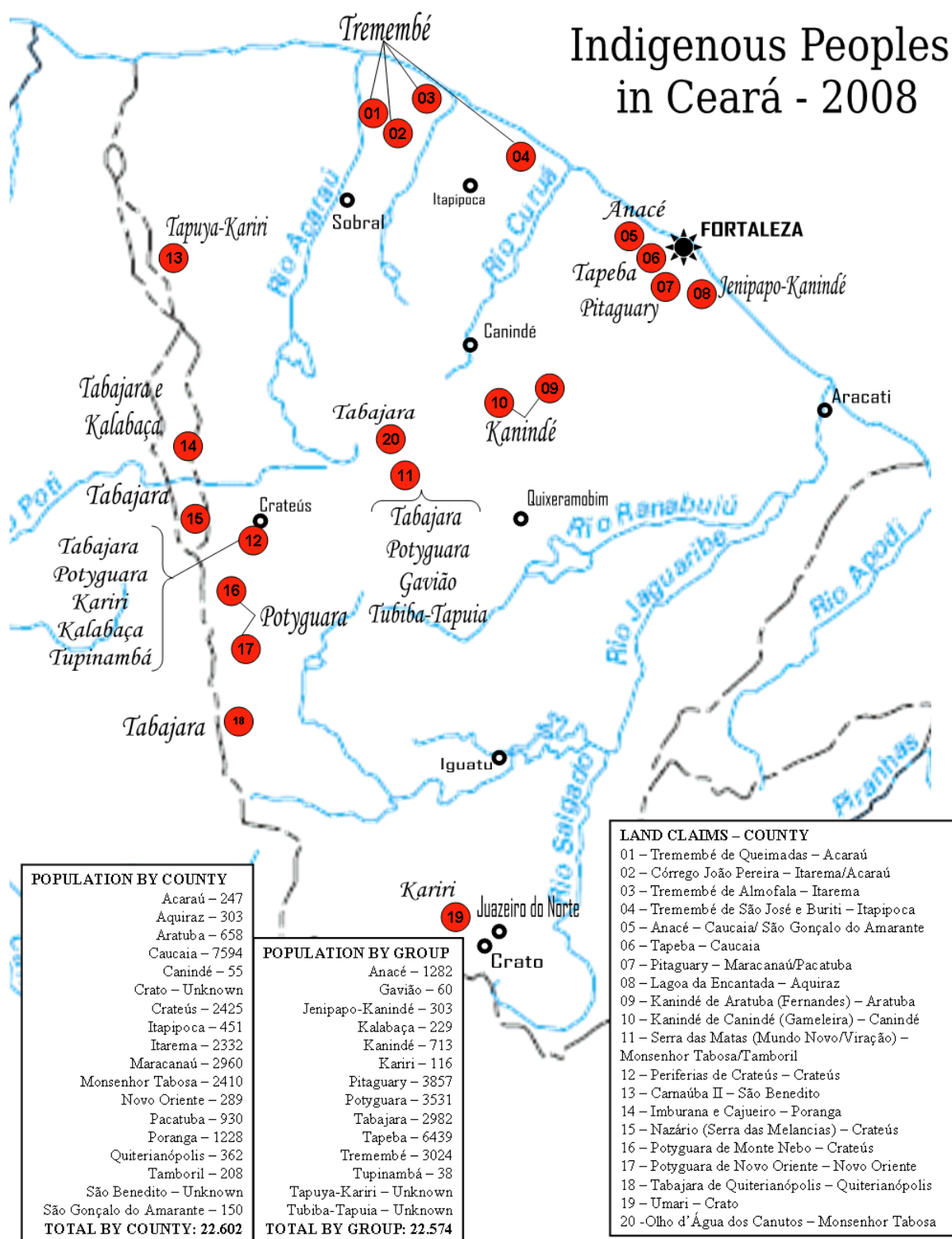
Art. 31 O quorum de deliberação será de 2/3 (dois terços) da Assembléia Geral, em reunião extraordinária, para as seguintes hipóteses:

- a) alteração do Estatuto;
- b) alienação de bens imóveis e gravação de ônus reais sobre os mesmos;
- c) extinção da Associação.

Art. 32 Decidida a extinção da Articulação, seu patrimônio, após satisfeitas as obrigações assumidas, será incorporado ao de outra Associação Indígena congênere, a critério da Assembléia Geral.

Art. 33 Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembléia Geral, ficando eleito o foro da Comarca de Caucaia, para sanar possíveis dúvidas.

ANEXO B – Mapa da população indígena no Ceará



ANEXO D– Repente

Meus amigos
professores

Prestem muita atenção

Vamos falar de um
homem

Que já deu em
confusão

É um tal perna de pau

Que está em discussão

O seu nome
questionado

Se é Vitor ou Manoel

Mas eu digo pra vocês

É conhecido Zé Zabel

Sua historia comprida

Conto em forma de
cordel

Época de festa junina

Que tem bomba e tem
rojão

Nesse dia aconteceu

Uma Triste lamentação

Pois uma bomba
ronqueira

Deixou sua perna no
chão

José Alves dos reis

Teve uma idéia legal

Fez uma perna nova

Se tornou Perna de
Pau

E esse foi o nome dado

Ao nosso memorial

Muitos dizem que tem
filhos

Outros dizem que não
tem

Sua historia tão
confusa

Se conhece muito bem

Nove filhos ele teve

E duas filhas também

Para falar a verdade

Descendência não
ficou

Do cacique Perna de
Pau

Que a historia iniciou

Seu genro Vitor Tapeba

Cacique ele se tornou

Hoje estão se
perguntando

Deque foi que faleceu

E penalizado eu digo

Tanta cachaça bebeu

Mas não sabemos a
data

Que José Zabel morreu

E assim nós
terminamos

Nossa apresentação

A história foi cantada

Com muita dedicação

E a fonte de pesquisa

Foi seu sobrinho João.